

A ^{27/11} ^{novembro} 1974
Liahona

CONFERÊNCIA GERAL DE ÁREA EM ESTOCOLMO



NESTE NÚMERO

- 3 "Ide Por Todo o Mundo" Presidente Spencer W. Kimball
- 6 Conferência Geral de Área de 1974
- 11 Diário Mórmon
- 14 Melvin J. Ballard
- 18 O Papel do Diácono Bispo Vaughn J. Featherstone
- 20 O Papel do Mestre Bispo H. Burke Peterson
- 22 O Papel do Sacerdote Bispo Presidente Victor L. Brown
- 24 "Claro Que Vocês Tem Idade Bastante Meninas" Ardeth G. Kapp
- 26 Subindo Por Sua Própria Árvore Genealógica Elizabeth L. Nichols
- 27 O Primeiro Grande Passo Mary Joyce Capps
- 30 As Orações de Nossos Amigos
- 32 Dois Lagos Salgados Nancy M. Armstrong
- 34 Desenho Misterioso
- 35 Perguntas e Respostas
- 36 Deus Preordena Seus Profetas e Seu Povo Élder Bruce R. McConkie
- 40 O Povo Diz "Amém" Élder Mark E. Petersen
- 44 Justiça e Misericórdia Élder James A. Cullimore
- 47 O Casamento Que Perdura Élder Gordon B. Hinckley
- 51 Resposta a um Chamado Élder Neal A. Maxwell

CAPA:

Aspectos da
Conferência Geral de Área
de 1974 em Estocolmo, Suécia

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITE DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
José B. Puerta, Editor da Parte Nacional

SUPERVISOR DE LAYOUT

Luiz Rubião Silva

REGISTRO

Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o no. 1151-P.209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "International Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857

de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribeubí, n.º 331, Telefone 276-4893, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

"Ide Por Todo O Mundo"

Marcos 16:15

Excerto do discurso proferido pelo Pres.
Kimball no Seminário de Representantes
Regionais de 4 de abril de 1974.

Presidente Spencer W. Kimball

Numa revelação ao Profeta Joseph Smith disse o Senhor: E se acontecer que se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a Mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de Meu Pai!" (D&C 18:15)

Sem conversos, a Igreja haveria de definhar e morrer. Mas, talvez, a maior razão para o trabalho missionário é proporcionar ao mundo a chance de ouvir e aceitar o Evangelho. As Escrituras estão repletas de mandamentos, promessas, chamados e recompensas por ensinar o Evangelho. Empreguei deliberadamente o termo "mandamento", pois me parece uma diretiva insistente da qual não nos podemos eximir, individual e coletivamente.

Pergunto-vos, o que o Senhor quis dizer quando, levando os Doze Apóstolos ao topo do Monte das Oliveiras, falou: "... e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra." (Atos 1:8) Estas foram suas últimas palavras antes de ascender ao seu lar celeste.

Qual o sentido da frase "até aos confins da terra"? Ele já havia enumerado as regiões conhecidas dos apóstolos. Seria o povo da Judéia? Ou da Samaria? Ou talvez os poucos milhões do Oriente Próximo? Que seriam os "confins da terra"? Estaria Ele se referindo aos milhões de seres do que constitui hoje a América? Incluiria o

termo, as centenas de milhares, ou mesmo milhões, da Grécia, Itália, Costas Mediterrâneas, ou os habitantes da Europa Central? O que significaria? Estaria Ele falando das pessoas vivas do mundo inteiro e dos espíritos destinados a virem ainda nos séculos futuros? Não estaremos nós subestimando suas palavras ou sentido? Como podemos satisfazer-nos com cem mil conversos entre 4.000 milhões de pessoas no mundo, que precisam do Evangelho?

Após a crucificação, os onze apóstolos se reuniram num monte da Galiléia onde lhes apareceu o Salvador e disse: "... É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto, ide, ensinai **todas as nações**, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém." (Mateus 28:18-20)

Em 1830, quando mandou que Parley P. Pratt, Oliver Cowdery, Peter Whitmer e Ziba Peterson fossem pregar aos lamanitas, o Senhor acrescentou: "... eu mesmo irei com eles e estarei em seu meio; Eu sou seu advogado junto ao Pai, e nada prevalecerá contra eles." (D&C 32:3) Estava Ele falando de todas as nações então existentes?

E quando disse: "... e eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos" (Mat. 28:20), não achais que estava incluindo todas as nações que seriam estabelecidas até lá? E quando lhes ordenou que fossem pregar, estaria em dúvida quanto às suas possibilidades de fazê-lo? Não, ele nos deu certeza. Ele tem o poder. Ele disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra... e... eu estou convosco todos os dias."

E, novamente, conforme os relatos de Marcos ele repreendeu aqueles que tinham dúvidas quanto a sua ressurreição e depois lhes ordenou: "... Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura." (Marcos 16:15) E isto aconteceu pouco antes de sua ascensão. Acaso pensais que ele se referia ao Egito, à Palestina e à Grécia? Achais que ele se referia ao mundo de 33 A.D. ou ao mundo de 1970, 1980, 1990? O que estaria incluído nas palavras "todo o mundo" e o que quis dizer por "toda a criatura"?

Lucas registra assim o acontecido: "E em seu nome se pregasse o arrependimento e a remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém." (Lucas 24:47) Mais uma vez, sua última ordem. Sem dúvida estas palavras são significativas! Havia uma necessidade universal e devia haver uma cobertura universal.

Segundo me lembro, o mundo visto por Moisés era um mundo imenso. "... e (Moisés) viu o mundo e seus confins e todos os filhos dos homens que são e que foram criados..." (Moisés 1:8) Sou obrigado a crer que naquele tempo o Senhor já conhecia os confins das habitações humanas, as áreas que seriam povoadas e também o seu povo que possuiria este mundo.

GM
M205.57
L694P
v.27
1964
Nov.

"Ide Por Todo o Mundo"

Continuando a impressionar Moisés com a magnitude de suas palavras e glória, o Senhor mostrou-lhe ainda mais.

"... Moisés olhou e viu a terra; sim, toda ela; e não houve partícula dela que não visse, discernindo-a por meio do Espírito de Deus.

"... e grande era seu número, sendo mesmo incontáveis como as areias das praias.

"E viu muitas terras; e cada terra se chamava mundo, e havia habitantes sobre as suas faces." (Moisés 1:27-29)

Lembrai-vos também de que Enoque, o profeta, viu os espíritos criados por Deus. (Moisés 6:36) Estes profetas contemplaram os numerosos espíritos e todas as criações. Parece-me que o Senhor escolheu cuidadosamente suas palavras ao dizer "todas as nações", "toda a terra", "confins da terra", "toda língua", "todo povo", "cada alma", "todo o mundo", "muitas terras".

Como essas palavras são significativas!

Certamente suas ovelhas não se limitavam aos poucos milhares que viviam ao seu redor e com os quais conviviam. Uma família universal! Um mandamento universal!

Fico imaginando se estaremos fazendo o máximo possível. Estamos sendo negligentes no pregar o Evangelho ao mundo inteiro? Estamos fazendo proselitismo há 144 anos. Estaremos preparados para alongar nosso passo? Para ampliar nossa visão?

Lembrai-vos de que Deus é o nosso aliado. É o nosso comandante. Ele fez os planos. Deu a ordem. Lembrai-vos de que temos citado milhares de vezes as palavras de Néfi. "E eu, Néfi, disse a meu pai: Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1 Néfi 3:7) Lendo esta Escritura, fico pensando nas muitas nações que continuam intocadas. Sei que existem barreiras. Conheço as dificuldades, pois temos feito algum empenho. O Senhor sem dúvida sabia o que estava fazendo quando deu a ordem. E como Néfi, nós também podemos dizer: "Porque tudo o que desejo é que eu consiga persuadir os homens a virem ter com o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, para que sejam salvos." (1 Néfi 6:4)

Lendo a história da Igreja, fico assombrado com a temeridade dos nossos irmãos que nos primeiros tempos saíram a pregar ao mundo. Eles pareciam encontrar sempre um meio. Mesmo quando sob perseguição e dificuldades. Lembro-me que esses homens destemidos pregavam o Evangelho em terras dos índios perto da sede, mesmo antes de a Igreja estar inteiramente organizada. Já em 1837, os Doze estavam na Inglaterra combatendo Satanás; em 1844 no Taiti e em 1851 na Austrália, em 1853, Islândia, em 1850, Itália, e nesse mesmo ano também na Suíça, Alemanha, Tonga, Turquia, México, Japão, Checoslováquia, China, Samoa, Nova Zelândia, América do Sul, França e Havai. E, olhando para o progresso que fizemos em alguns deles enquanto

que o mesmo não aconteceu em muitos dos países vizinhos, isto nos causa admiração. Grande parte desses primeiros trabalhos de proselitismo foi feito enquanto os líderes ainda atravessavam as Montanhas Rochosas, para o interior de Utah, semeavam seus campos e construíam suas casas. Isto é realmente fé; e fé profunda!

Gostaria de falar-vos agora da expansão que julgo necessária e considero possível. Novamente diz o Senhor: "É-me dado todo poder no céu e na terra." (Mat. 28:18)

O Senhor concedeu a Thomas B. Marsh, a Joseph, Sidney e Hyrum poder para "possuir as chaves" do reino, dizendo que eles seriam os servos que poderiam "abrir a porta do reino." (D&C 112:16-17)

A estes intrépidos líderes Ele deu o mandamento: "... e em todo lugar que proclamardes o Meu nome, ser-vos-á aberta uma porta eficaz, para que recebam a Minha palavra." (D&C 112:19)

Seja como for, irmãos, sinto que quando fazemos tudo que nos é possível, o Senhor encontrará um meio de abrir-nos as portas. Isto é minha convicção.

Mas, não vejo uma boa razão para o Senhor abrir portas pelas quais não estejamos preparados a entrar.

Creio que temos homens que poderiam ajudar os apóstolos a abrirem essas portas — estadistas capazes e de confiança — porém, quando estivermos preparados para isso.

Hoje temos 17.500 missionários. Poderíamos mandar mais. Muitos mais! e 8.900 passaram pela casa da missão em 1973.

Creio que foi John Taylor quem disse que "Deus nos responsabilizará pelas pessoas que poderíamos ter salvo se tivéssemos cumprido nosso dever".

Quando peço missionários, não estou pedindo maus missionários, missionários dotados de qualquer perturbação mental ou mesmo carentes de testemunho ou ainda, desprovidos de moral. Estou pedindo que comecemos mais cedo e treinemos melhores missionários em todos os ramos e alas do mundo. Este é outro desafio — que os jovens venham a compreender que é grande privilégio fazer missão, que precisam estar física, mental e espiritualmente preparados, e que o "Senhor não... [pode] encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância." (D&C 1:31)

Estou pedindo missionários cuidadosamente doutrinados e instruídos pela família e pelas organizações da Igreja, e que partam para a missão com muita vontade. Estou pedindo melhores entrevistas, mais minuciosas, mais simpáticas e compreensivas, mas especialmente que os missionários em perspectiva recebam um treinamento melhor, por mais tempo e iniciado mais cedo, a fim de que todos possam aguardar a missão com grande alegria.

Não quero dizer que tenha influído muito sobre isso, mas, quando cheguei ao Conselho dos Doze em 1943, havia menos de um milhão de membros; hoje temos 3.353.000. Havia 146 estacas e cerca de 40 missões; hoje há 633 estacas e 107 missões. Crescemos de

937.000, em 1943, para 1.116.000 em 1959, e 3.300.000 em 1973. Isso significa, aproximadamente, 19 por cento de crescimento, 16 anos entre 1943 e 1959, e cerca de 196 por cento, de 1959 a 1974. É um tremendo progresso.

Talvez seja interessante informar que dos 17.564 missionários em serviço em 30 de março pp., 9.560, ou seja, cerca de 55% de todos os missionários, estavam pregando o Evangelho em Inglês, nos Estados Unidos e Canadá, Grã Bretanha, Austrália, Nova Zelândia e Filipinas. Aproximadamente 8.000 missionários estão aprendendo idiomas nas missões de treinamento de línguas, dos quais, 45% em três escolas — cerca de 17%, ou 3.000, aprendem Espanhol, uns 1.000 Alemão, outros 1.000 Japonês, 400, Francês e aproximadamente 600, Português, além de um número bem representativo estudando Dinamarquês, Finlandês, Holandês, Norueguês e Sueco, Chinês, Italiano, Coreano, Tai, Samoano, Línguas Africanas e Navajo.

É interessante notar o que nos dizem certos estatísticos — que em 33 A.D., quando o próprio Salvador dava tanta ênfase a “toda nação, tribo, língua e povo”, existia na terra possivelmente um quarto de bilhão (250.000.000) de habitantes.

Dezoito séculos mais tarde, quando através de Joseph Smith nos veio a ordem de pregar ao mundo, os entendidos estimavam em um bilhão de pessoas (1.000.000.000), os habitantes da terra ou seja, cerca do quádruplo existente no tempo de Cristo. E agora, ao renovarmos a injunção de difundir o Evangelho pelo mundo, a população é estimada em três bilhões e meio (3.500.000.000).

Seguidamente surge a pergunta: Todo jovem deve fazer missão? E a resposta dada pelo Senhor é: Sim. Todo rapaz deveria fazer missão. Diz ele: “Enviai os élderes da Minha igreja às nações longínquas; (Élderes, diz ele. É de élderes que vimos falando) às ilhas dos mares; enviai-os às nações estrangeiras; adverti a todas as nações, primeiro aos gentios, e depois aos judeus.” (D&C 133:8) Ele não estabeleceu limitações.

Compreendemos que, embora todos os homens decididamente devessem pregar o Evangelho em outras terras, nem todos eles estão preparados para isso. Muitos jovens chegam à idade de fazer missão praticamente sem preparo algum e, naturalmente, nesse caso não devem ser enviados. Todos porém, deveriam estar preparados. Poucos são os fisicamente incapazes para o serviço missionário; ao passo que existe um número bem elevado daqueles que são emocional, mental e moralmente incapazes, por não terem levado uma vida limpa e em harmonia com o espírito do trabalho missionário. Eles deviam ter sido preparados. Se deviam! Mas por terem transgredido as leis, devem ser privados de fazer missão, e nisso reside um de nossos maiores desafios — manter esses jovens rapazes dignos. Sim, diríamos, todo homem digno e capaz deve carregar a cruz. Que grande exército não teríamos assim, pregando o Cristo e ele mesmo crucificado! Sim, eles deveriam estar preparados para a missão, com econo-

mias, geralmente, com disposição alegre para servir, sempre.

Diz o Senhor: “E que **todo homem** tome em suas mãos a retidão e sobre os seus lombos a fidelidade, e aos habitantes da terra levanta a voz de admoestação; e declare, tanto por palavra como por fuga, que desolação virá sobre os iníquos.” (D&C 63:37) Note-se que foi dito: **todo homem**, mas temos que encontrar um meio para que “todo homem” esteja preparado.

Quando estive no Japão e Coréia, há um ano atrás e vi os numerosos moços tão simpáticos que se filiavam à Igreja provendo liderança às suas organizações, pareceu-me vislumbrar um grande movimento, quando haveria milhares de homens, em cada local, preparados, fortes e ansiosos para irem a outras terras; e quando mais tarde, estive no México, pude vislumbrar novamente a juventude latina, do México, da América Central e do Sul qualificando-se, em grande número, para o serviço missionário dentro de seu próprio país e, finalmente, em outras terras, até que o exército de missionários do Senhor venha a cobrir a terra como as águas cobrem as grandes profundezas.

Em todos os países por mim visitados encontrei muitas pessoas inteligentes e qualificadas que são líderes em sua terra, lembro-me também de muitas, desfrutando os benefícios do Evangelho.

Quando tivermos ampliado o número de missionários das áreas organizadas da Igreja até atingir um número próximo ao seu potencial, isto é, todo jovem digno e eficiente da Igreja trabalhando em campo missionário; quando toda estaca e missão no estrangeiro estiver fornecendo missionários suficientes para as necessidades locais, aliviando assim o número de rapazes dos Estados Unidos e Canadá que vão para lá; quando tivermos usado nossos homens qualificados para ajudar os apóstolos a abrir esses novos campos de trabalho; quando tivermos tirado o máximo proveito dos satélites espaciais e descobertas correlatas, e de todos os meios de comunicação de massa — jornais, revistas, rádio, televisão; quando tivermos organizado grande número de outras estacas para servirem de trampolim; quando tivermos reativado os numerosos jovens que atualmente não são ordenados, não fizeram missão e não se casaram, então, e só então nos estaremos aproximando da insistência do Senhor e Mestre de ir ao mundo inteiro e pregar o Evangelho a toda a criatura.

Estou certo de que todo país que abrir suas portas ao Evangelho de Jesus Cristo será abençoado pelo Senhor. Suas bênçãos florescerão em educação, cultura, fé e amor como em Sião, cidade de Enoque, que foi transladada, e terão, como os nefitas, os 200 anos de vida pacífica neste país. As nações terão prosperidade, os povos conforto e deleite; todos recebedores dessas bênçãos, os que as aceitam e magnificam, todos gozarão de alegria e paz e vida eterna.

Oro para que as bênçãos do Senhor nos acompanhem ao enfrentarmos nossas grandes responsabilidades, em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

1974



Conferência Geral de Área

A Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia nunca mais serão as mesmas. Nos dias 16, 17 e 18 de agosto, os santos destes países reuniram-se numa conferência geral de área da Igreja e, após sentarem-se aos pés dos servos ungidos do Senhor, voltaram para casa fortalecidos e animados. Se aplicarem aquilo que aprenderam, a obra do

Senhor não poderá deixar de prosperar nos países nórdicos.

Comentou um membro ao final da conferência: "Temos novas idéias, novas metas, novas visões para nós e o nosso futuro."

Outro disse: "Deste momento em diante, exigiremos mais de nós mesmos. Acima de tudo, ensinaram-nos obediência."

Um jovem afirmou: "Percebi a necessidade de mudar certas coisas. Muitos de nós, jovens, sentimos a necessidade de modificar nossos padrões de música, do vestir e outras coisas."

Tais atitudes, essa renovada perspectiva e determinação, realmente iniciaram-se quando do primeiro anúncio de que, em Estocolmo, haveria

uma conferência geral de área. Foi então que começaram os preparativos — tanto espirituais como materiais. Falando do período que precedeu a conferência, diz o Presidente Grant R. Ipsen, da Missão da Dinamarca: "Muitos santos decidiram que era hora de se prepararem, mas que a maior preparação que poderiam realizar seria a espiritual. 'Quero estar preparado espiritualmente para receber a mensagem do Profeta', foram palavras que ouvi seguidas vezes."

Parte da preparação espiritual revela-se talvez pelo fato de haver aumentado a freqüência ao templo, antes da conferência. Normalmente, toda missão realiza várias sessões no templo durante o verão. Este ano, contudo, esperava-se que muita gente iria reservar o dinheiro para ir à conferência. Porém, a freqüência ao templo aumentou nos meses que precederam a conferência. Em certas áreas, chegou quase a duplicar.

Essa preparação do espírito foi recompensada com um verdadeiro festim espiritual. O Presidente Kimball fez cinco discursos, incentivando os santos a guardarem todos os mandamentos e a edificarem a Igreja em

sua respectiva pátria. Em junho, acabara de ser organizada a Estaca da Dinamarca, e os santos mostraram-se particularmente receptivos ao desafio do Presidente Kimball de irem pregar o Evangelho aos seus vizinhos, edificando, assim, a Igreja, para que pudesse haver mais estacas nos países nórdicos.

O tema do desenvolvimento de estacas foi salientado particularmente numa inesquecível reunião de liderança do Sacerdócio, no domingo de manhã. "Vós podeis edificar a Igreja," disse o Presidente Kimball. "Podeis ter estacas — muitas estacas... Haveria alguma razão para não possuídes um templo na Escandinávia ou Finlândia ou em todos estes países? Vós o usáreis...? Ajudaríeis a construí-lo...? Tudo isto é possível... Mas não é comum construirmos templos em missões. Esperemos até que cresçam e atinjam a estatura de estacas."

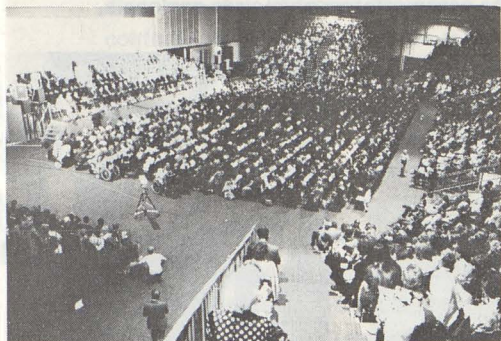
Foi para mensagens assim poderosas que os santos se prepararam e viajaram muitos quilômetros. Cancelaram férias, fizeram trabalhos extra e economizaram cuidadosamente seu dinheiro.

O comitê de planejamento da con-

ferência trabalhou longas horas, a fim de que os santos pudessem ter essa satisfação. Uma conferência assim exige um planejamento enorme. É preciso tomar decisões e providências de todo tipo, desde a procura e locação de um lugar apropriado, até minúcias, como distintivos para os recepcionistas. Subcomitês, trabalhando sob a direção capaz do Irmão Cai-Aage Johansson, cuidaram de equipamentos e instalações, recepcionistas, informações, materiais gráficos, viagens e transporte, alojamento, contratos, alimentação, emergências, músicas e programação cultural.

Alguns desses subcomitês tinham encargos imensos. Por exemplo, o comitê de alojamento tinha por meta providenciar que "nenhuma pessoa que viesse à conferência chegasse sem saber onde ficaria, qual o endereço e como chegar lá." Com uma freqüência prevista de quase cinco mil pessoas, isto não era fácil tarefa, particularmente levando em conta as numerosas mudanças, cancelamentos e inscrições de última hora.

Outros comitês trabalharam silenciosamente nos bastidores, porém foi preciso o esforço de todos, para



que a conferência fosse um sucesso.

Um comitê cujos esforços foram espetacularmente visíveis, foi o que organizou o programa cultural de sexta-feira à noite — o **Festspel**. Do programa, participaram mais de quatrocentas pessoas trajadas em suas coloridas roupas tradicionais, apresentando músicas, canções e danças dos vários países. Foi uma noite emocionante e deliciosa, uma bela maneira de se iniciar a conferência.

O programa começou com oitenta e quatro porta-estandartes, que entraram no recinto carregando as bandeiras dos quatro países envolvidos. Depois de cantados os hinos nacionais dos quatro países, cada grupo apresentou exemplos de sua cultura e história, através de números musicais e de dança. Os desempenhos foram realmente soberbos, e quando se conhece um pouco do esforço e preparativos que exigiram, fica-se assombrado.

Os ensaios para o **Festspel** tiveram que ser realizados em pequena escala, nos ramos e distritos espalhados por aqueles países nórdicos. Este foi outro milagre da conferência. Quando se apresentaram em conjunto, tudo funcionou maravilhosamente.

Um conjunto orquestral era composto de músicos de toda a missão. Alguns eram profissionais; outros tocavam apenas há poucos anos. Uns tocavam por partitura, outros apenas de ouvido. Encontraram um arranjador profissional que fez arranjos simplificados que parecessem profissionais. (Ele não quis cobrar seu trabalho.) O grupo precisava de um contrabaixista e não havia nenhum; então escolheram um jovem talentoso e fizeram-no tomar aulas com um contrabaixista profissional de uma orquestra sinfônica. Ele praticava continuamente, até mesmo durante ensaios da orquestra. Quando chegou a hora de tocar na conferência, um dos músicos da orquestra emprestou-lhe um arco que valia centenas de dólares.

Esse grupo só pôde ter dois ensaios em conjunto antes da conferência. Todavia, tocaram divinamente. Havia orado e trabalhado muito, e o Senhor os ajudou. Histórias semelhantes ocorreram com muitos dos grupos que se apresentaram. Esforçaram-se muito e viajaram longas distâncias, para participar dos poucos ensaios que puderam ser feitos. E o Senhor abençoou seus esforços.

Porém, por melhor que fosse o desempenho dos grupos, foi o número final que provocou estrondosos aplausos e pedidos de bis. O número executado foi **Landkjenning** ("Descoberta"), de Edvard Grieg.

O Irmão Reid H. Johnson, representante regional dos Doze na Suécia, coordenou a conferência. Ele comenta que, "ao entrever o programa cultural, não pude imaginar outro número sendo executado como "fecho." Embora não o tivesse discutido com o comitê, quando recebeu suas recomendações, ali estava **Landkjenning** como número de canto final. Então, descobriu-se que os noruegueses também estavam planejando sua parte em torno da mesma canção. Mas, ao saberem da inspiração recebida simultaneamente em ambos os lados do oceano, eles desistiram abnegadamente e passaram a trabalhar em novo programa.

Ramm Arveseter, de setenta e três anos de idade, regente do número final, fala do que significou a experiência: "Quem não viveu entre nós não pode compreender o que significou este cantar em conjunto. Vejam, às vezes existem ciúmeiras nacionais,





... e muitos membros da Igreja testemunharam a sua fé e a sua unidade. Especialmente para os jovens, depois disso não mais nos

mesmo na Igreja. Mas isto nos aproximou, particularmente nossa juventude. Tenho ouvido muitos comentários de como estão emocionados com esse sentimento de unidade. Agora existe um genuíno espírito de união, um espírito de sabermos que podemos trabalhar juntos e realizar o que bem quisermos. Esse sentimento de unidade não é pouca coisa."

Essa unidade prevaleceu durante toda a conferência com os santos de quatro diferentes países, sentados lado a lado e gozando do mesmo Espírito, ainda que ouvissem os discursos em idiomas diferentes. A conferência apresentou trinta e seis discursos, que tiveram que ser traduzidos em quatro idiomas — o equivalente a cento e quarenta e quatro discursos. Para este trabalho, foram precisos sessenta tradutores. As traduções eram transmitidas por fios estendidos acima da audiência, e os presentes recebiam a respectiva tradução por meio de um pequeno conjunto portátil de fones de ouvido. Assim, um norueguês sentado em qualquer ponto do recinto, podia ouvir o discurso em seu idioma, escolhendo o canal apropriado. Ao lado dele, poderia estar sentado um finlandês, dinamarquês ou sueco, ouvin-



do na língua pátria por meio de canal diferente.

Logicamente, tais detalhes foram incidentais. O importante da conferência é que os presentes receberam as mensagens inspiradoras e edificantes, para as quais se prepararam. Além do Presidente Kimball e Presidente Tanner da Primeira Presidência, estiveram presentes mais dez autoridades gerais, sendo o Presidente Ezra Taft Benson e os élderes Howard W. Hunter, Boyd K. Packer e Bruce R. McConkie, do Conselho dos Doze; os élderes Bernard P. Brockbank, James E. Faust, J. Thomas Fyans e Neal A. Maxwell representando os assistentes do Conselho dos Doze; o Élder A. Theodore Tuttle, do Primeiro Conselho dos Setenta, e o Bispo Vaughn J. Featherstone, do Bispado Presidente. Todos estes irmãos pronunciaram mensagens inspiradoras, destinadas a encorajar e instruir.

Aqueles que compareceram à sessão para os pais de sábado à noite, ouviram o Presidente Kimball falar sobre a crescente ameaça do mal no mundo e dar ênfase à importância do ensino familiar e programa de reuniões familiares. "A instrução dos filhos pelos pais é fundamental desde

o princípio: o Senhor assim o ordenou. ... O Senhor ofereceu ... um programa [que] promete fazer o mundo retornar a um viver sadio, à verdadeira vida familiar, à interdependência familiar. Destina-se a recolocar o pai em seu lugar de direito, à testa da família, trazer a mãe de volta da vida social e do emprego ao lar, os filhos de volta ao lar dos divertimentos quase totais."

À juventude reunida em uma sessão no sábado à noite, o Presidente Kimball contou uma história da própria mocidade, quando tomou a decisão de guardar os mandamentos e não apostatar da sua fé. Incentivou os jovens a aceitar o mesmo tipo de compromisso, para saberem o que fazer, quando surgisse alguma tentação.

O Presidente Tanner falou aos pais reunidos na sessão de sábado à noite sobre a importância do exemplo paterno e da necessidade de se disciplinarem as crianças. "Não consigo imaginar nada mais doce que um lar em que o homem vive sua religião e magnifica o seu Sacerdócio, apoiado pela esposa em todos os aspectos, onde existem e são demonstrados amor e harmonia, onde oram em conjunto e se fazem regularmente reuniões familiares, e onde, juntos, estão criando uma família de filhos retos que poderão levar de volta à presença do Pai Celestial."

Na reunião de liderança do Sacerdócio, domingo pela manhã, o Presidente Tanner ofereceu valiosas instruções sobre como fazer entrevistas. Depois, na sessão geral seguinte, ele falou sobre o desenvolvimento da Igreja desde sua organização, em 1830. Focalizou a responsabilidade missionária, um dos temas predominantes da conferência: "Certamente os homens de toda parte que professam o cristianismo e crêem em

Cristo, gostariam de pertencer a esta Igreja... Como seus membros, é nossa responsabilidade promover, seja onde for, a Igreja e seus ensinamentos, de modo que não restem dúvidas na mente dos que nos ouvem."

No discurso de domingo à tarde, o Presidente Benson começou contando suas experiências com os santos europeus, imediatamente após a devastação da II Guerra Mundial. Falou de seu grande amor pelo povo e de como a mão do Senhor pôde ser vista na história da Igreja na Escandinávia. Depois, após admoestar os santos a que guardassem todos os mandamentos, prestou solene testemunho e advertência aos governantes das nações, declarando que "o Senhor estabeleceu seu reino dos últimos dias na terra... em preparação para a segunda vinda de Cristo... Como humilde servo do Senhor, conclamo os líderes das nações, que se humilhem diante de Deus, que busquem sua inspiração e diretrizes. Conclamo os governantes e povo igualmente a que se arrependam de seus caminhos iníquos... Se recusardes... então sereis atingidos pelos terríveis julgamentos e calamidades prometidas aos iníquos."

Durante todas as sessões, o Espírito continuou fortemente presente, enquanto os participantes ouviam as palavras não só das Autoridades Gerais, mas de seus representantes regionais, conselheiros de presidências de missão e escolhidos pais e líderes de jovens e adultos. Os grandes coros fornecidos pelos países participantes também contribuíram em muito para a espiritualidade da conferência.

Então, aproximando-se o fim da última sessão, o Presidente Kimball levantou-se para dirigir-se mais uma vez aos santos. Ele fez um breve

resumo dos discursos pronunciados pelas Autoridades Gerais no transcurso da conferência, dando sua aprovação ao que foi dito. "Esta foi uma grande conferência. Espero que nunca nos esqueçamos dela em toda nossa vida."

Mais uma vez, o Presidente Kimball abordou o tema predominante da conferência — nossa obrigação missionária. Mencionou o crescimento da Igreja nos primórdios desta dispensação e como os primeiros missionários procuraram seus vizinhos e regiões adjacentes. Depois, dirigindo-se aos presentes, disse: "Vós, quatro mil, aqui podeis fazer um bem maior do que todos os missionários que pudésemos mandar dos Estados Unidos... Nós temos a luz, temos a verdade, temos tudo o que é necessário para iluminar o mundo que nos cerca. Não devemos colocar nossa candeia debaixo do alqueire. Deus nos terá como responsáveis por aqueles que poderíamos ter salvo, se havéssimos cumprido nosso dever."

Além das palavras de admoestação, o Presidente Kimball invocou sobre os santos as bênçãos de nosso Pai nos céus. Mencionou aqueles cuja luta é às vezes solitária: "Com certa frequência, uma pessoa é a única testemunha de Cristo na família... Deus abençoe aquele que permanece fiel e verdadeiro, ainda que só."

Depois de observar que "é difícil para nós dizer adeus", o Presidente Kimball voltou a testificar que "esta obra é de Deus". Mais uma vez, ele invocou as bênçãos dos céus sobre os santos escandinavos.

Foi difícil dar adeus. Após o último hino e oração, os santos ali reunidos permaneceram nos seus lugares, cantando "Damos Graças a Ti" e "Deus Vos Guarde". Quando a congregação começou a deixar o re-

cinto, muitos olhos estavam marejados de lágrimas. As lágrimas logo secariam, mas a lembrança da conferência permanecerá por muito tempo. Os que ali compareceram levaram consigo renovada força e determinação, e a certeza de que não estão sozinhos.

Um irmão disse posteriormente: "Nós somos de ramos pequenos — trinta a oitenta membros. Podem imaginar o que significa estar sentado e ver quatro mil membros da Igreja pertencentes à sua parte do mundo? Especialmente para os jovens? Depois disso, não mais nos sentiremos sós. Vimos quão fortes somos na verdade. Não precisamos ter medo."

Certa irmã afirmou: "A conferência significou muito mais que palavras podem descrever — é ar e sol, flores e chuva. É vida para minha alma."

Outro membro declarou: "Temos trabalho a fazer, não é? O Senhor certamente nos abençoará, se pusermos mãos à obra."

Certamente ele o fará, pois nos santos escandinavos existe grande força, e há muitas criaturas escolhidas nos países nórdicos que ainda precisam ouvir o Evangelho.

Durante os primeiros tempos da Igreja, milhares de fortes e fiéis santos escandinavos foram para Utah e ajudaram a construir e fortalecer a Igreja. Assim, foi inteiramente merecido que os santos da Escandinávia fossem abençoados com uma conferência de área. E agora, o vigor e espírito dos santos que permaneceram nas terras nórdicas há de crescer e expandir-se, à medida que agirem conforme os conselhos ouvidos dos servos do Senhor. Certamente a Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia nunca mais serão as mesmas.

Diário Mórmon

No coração de todo santo dos últimos dias, estão gravadas experiências do viver cotidiano do Evangelho e de amor ao Senhor. Elas são do interesse de todos. Compartilhem com os demais membros da Igreja as experiências que fortaleceram seu testemunho — as preces atendidas e a inspiração de ternos familiares e amigos, o Sacerdócio em ação e as auxiliares da Igreja. Envie sua colaboração ao Coordenador de Línguas, do Centro Editorial Brasileiro, C. Postal 19.079, São Paulo, S.P.

Quer Ser Nosso Pastor?

Uma experiência missionária contada pelo Elder Hugh B. Brown, do Conselho dos Doze.

Em 1904, quando eu tinha 21 anos, fui chamado para uma missão na Inglaterra. Ao partir, mamãe acompanhou-me até à estação da estrada de ferro para dar-me adeus. Momentos antes do trem partir, ela disse:

— Hugh, você se lembra quando era garotinho e tinha pesadelos freqüentemente? Então você acordava durante a noite e chamava: "Mamãe, mamãe, você está aí?", e eu costumava replicar: "Sim, filho, estou aqui. Está tudo bem, vire para o outro lado e volte a dormir."

Depois prosseguiu:

— E você sempre voltava a dormir sem quaisquer problemas. Agora você vai ficar a uns 16.000 km de distância, e quando tiver vontade de chamar por mim não poderei ouvi-lo. Haverá dificuldades e haverá pesadelos à luz do dia quando estiver com os olhos bem abertos. Também haverá preocupações e problemas a incomodá-lo. Porém, quero que entenda que, embora eu não possa ouvi-lo, alguém o ouvirá. E se você chamar com a mesma fé que tinha quando menino, se você chamar dizendo: "Pai, estás aí?", eu prometo a você, filho, que ele responderá. Talvez você não ouça a sua voz nem veja a sua figura, mas ele lhe res-

ponderá e você sentirá conforto em saber que Ele está ali e se importa com você; e, falando figuradamente, você se voltará para o outro lado e dormirá, seja qual for a situação.

Quando cheguei à Cidade do Lago Salgado para ser designado missionário, eu era um espetáculo à parte. Tinha as pernas arqueadas de tanto andar a cavalo, era cheio de sardas devido ao sol e meu cabelo estava praticamente branco. Creio que nunca partira para o campo um missionário de aparência menos prometedora.

Chegando à Missão Britânica seis semanas depois, fui mandado para Norwich. Lá chegando, fui informado pelo presidente do distrito:

— Elder Brown, desejamos mandá-lo para Cambridge, em companhia do Elder Downs. É um homem de quarenta e cinco anos que está designado a seguir para Paris no dia seguinte ao da sua chegada lá, de modo que ficará sozinho em Cambridge. Agora Elder Brown, prosseguiu ele, acho que gostaria de saber que os últimos missionários que estiveram em Cambridge, de lá foram escoraçados pela força das armas, e informados de que o próximo missionário que pusesse os pés na cidade, seria morto a tiros. Você é esse missionário, Elder Brown.

Chegando a Cambridge, vimos "slogan" anti-mórmons por todos os cantos da cidade, pois corra o boato de que os mórmons iam voltar. Alguns deles eram engraçados, outros, de partir o coração.

Encontramos um lugar para morar, e o Elder Downs ajudou-me a preparar alguns folhetos e colocar neles meu nome e endereço. Instruiu-me por onde eu devia começar a distribuí-los e depois de ele ter partido na manhã seguinte, lancei-me ao tra-

Quer Ser Nosso Pastor?

balho. Trabalhei a manhã inteira sem conseguir sequer um olhar amável, e fui deixado a falar sozinho do Evangelho.

Noventa por cento das casas que atendiam, batiam-me com a porta. Cheguei em casa, à hora do almoço, um tanto desanimado, mas voltei a sair de tarde com os mesmos resultados. O dia seguinte era um sábado e achei que devia tentar conseguir uma conversa pelo menos em três dias de trabalho, por isso sai novamente, sábado de manhã. Mas consegui apenas a mesma reação e estava seguro de que o Senhor havia cometido um engano.

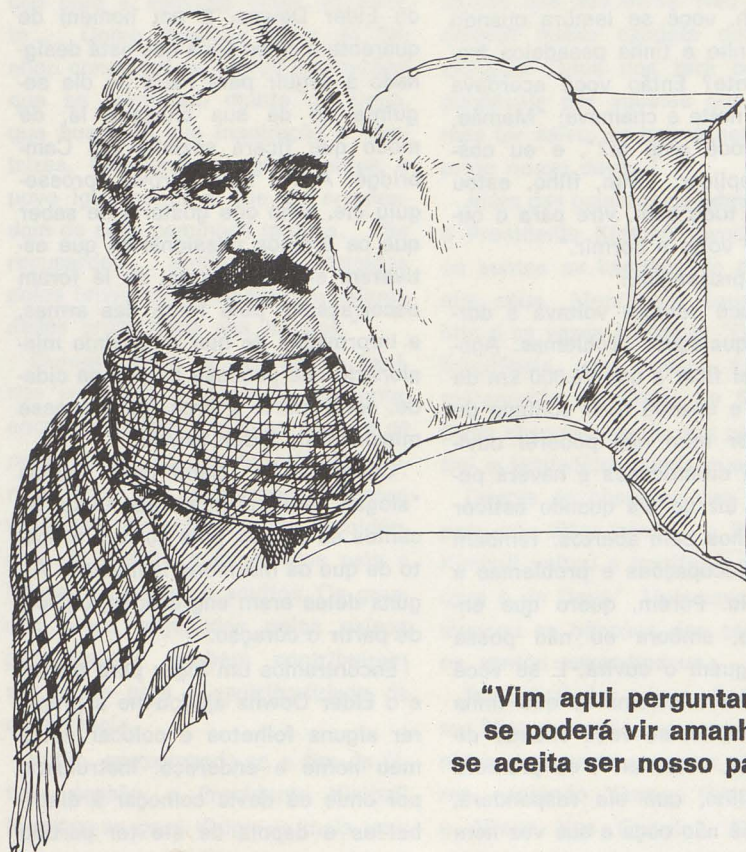
Chamei então: "Pai, estás aí?", e ele respondeu: "Estou aqui, sim",

porém não me disse que me virasse e fosse dormir. No sábado fiquei distribuindo folhetos até o meio-dia, depois voltei para meu quarto, pensando: o Senhor devia saber melhor que não adiantava me mandar ali. Sentia-me tão desamparado, sozinho, perdido. Não havia um único santo dos últimos dias num raio de 190 km!

Sentado junto à pequena lareira tentando me aquecer e ponderando sobre a tolice do Senhor em me mandar para ali, ouvi uma batida na porta. A senhoria atendeu e pude ouvir a voz de um homem dizendo:

— É aqui que mora um tal Elder Brown?

Então pensei: pronto, é o meu fim!



"Vim aqui perguntar-lhe se poderá vir amanhã e se aceita ser nosso pastor."

Ela respondeu:

— Mora sim, senhor. Entre, ele está na sala em frente.

Ele entrou tendo na mão um de meus folhetos. Olhando para mim com expressão duvidosa, indagou:

— O senhor é o Elder Brown?

Não pude negá-lo. Então ele continuou:

— Foi quem deixou este folheto debaixo da minha porta?

Respondi: — Sim, deixei.

Ele então falou:

— Elder Brown, domingo passado 17 famílias abandonaram a Igreja Anglicana. Como somos todos famílias numerosas e na minha casa há uma sala grande, o pessoal foi todo para lá — todos membros da Igreja Anglicana até aquele dia. Oramos juntos e concordamos em continuar orando durante a semana inteira para que Deus nos enviasse um novo pastor.

E continuou: — Chegando em casa hoje à noite, eu estava certo de que Deus não ouvira nossas preces. Sentia-me deprimido até abrir a porta e encontrar este folheto no chão. Então, quando o li, eu soube que o Senhor atendera as nossas orações. Vim aqui perguntar-lhe se poderá vir amanhã e se aceita ser nosso pastor.

Ainda não fazia bem três dias que eu estava no campo missionário. Ainda não havia realizado nenhuma reunião ali, nem participado de qualquer outra. Ninguém poderia ser mais inexperiente do que eu; ainda assim, ali estava aquele homem perguntando: "Aceita ser nosso pastor?"

Eu não sabia o que era um pastor, mas fiz o que qualquer outro elder faria nas mesmas circunstâncias. Ergui o queixo, aprumei os ombros, e respondi:

— Sim, senhor, aceto.

Depois de agradecer ele saiu, levando consigo também o meu apetite. Chamei a senhoria e disse que não queria jantar. Subi para o meu quarto e preparei-me para dormir. Ajoelhado aos pés da cama, falei realmente com Deus pela primeira vez na vida. Eu fora ensinado a orar, e sempre fizera minhas preces, mas, naquela noite, ajoelhado ao lado da cama, eu conversei, de fato, com o Senhor. Conte-lhe minha situação; falei-lhe que aquela gente estava deixando a Igreja Anglicana em busca da verdade, que estavam ansiando por ela e que eu não estava preparado para satisfazê-los. Pedi-lhe que, por favor, me livrasse daquela responsabilidade. Ele pareceu não responder. Levantei-me e fui para a cama, onde fiquei virando de lá para cá por algum tempo. Então, desci novamente do leito e continuei a orar a noite inteira.

Na manhã seguinte desci e informei a senhoria de que não ia tomar o desjejum, e sai a dar uma volta pelo **campus** da Universidade de Cambridge. Andei a manhã inteira, invejando os alegres jovens que via, assim como costumava invejar o gado que pastoreava na encosta da montanha quando o via deitado ruminando, na mais perfeita paz. Minha alma estava em tumulto e aqueles alegres estudantes só faziam piorar as coisas. Fui para casa ao meio-dia e disse à minha senhoria que não queria almoçar, depois voltei a andar mais um pouco. Caminhei a tarde inteira. Lembro-me de ter visto uma nuvenzinha no céu e então orei ao Senhor que a fizesse crescer e transformar-se numa tempestade tão forte que ninguém fosse à reunião. Mas a prece não foi aten-

dida. A noite encontrou-me sentado junto ao fogo, pedindo ajuda. Finalmente, faltando um quarto para as sete, levantei e vesti a sobrecasaca. Enfiar as luvas de pelica, as primeiras que jamais usara. Peguei a bengala que fora instruído a comprar, e nunca antes havia carregado uma. Botei o chapéu duro, que também nunca tinha usado, e arrastei-me penosamente até o endereço fornecido. O homem que conhecera na noite anterior me viu chegando, veio ao meu encontro e saudou-me com reverência e polidez:

— Queira entrar, reverendo.

Aquilo quase me matou de medo. Entrei e encontrei uma sala grande apinhada de gente, e todos se levantaram em respeito ao novo pastor, o que me assustou ainda mais. Foi só então que me dei realmente conta do que ia fazer.

Não me havia ocorrido que me caberia fazer tudo — pregar, orar e cantar também. Sugeri então:

— Vamos cantar o hino "Ó, Meu Pai".

Todos me olharam em silêncio, obviamente nunca haviam ouvido falar nesse hino. Mas eu o cantei — um solo horrível. Depois, passando os olhos pela congregação com os joelhos trêmulos, falei:

— Vocês se importariam de virar-se e ajoelhar-se de lado, junto às suas cadeiras enquanto oramos?

Achei que seria um meio de fugir aos seus olhares.

Todos ajoelharam-se e eu orei. E pela segunda vez na vida, eu falei com Deus. Falei com ele como se conversa de homem para homem sobre um assunto sério. Expus-lhe novamente a situação. Disse-lhe que aquela gente estava ali reunida para ouvir a verdade e lembro-me de ter

dito: "Ó, Deus, ensina-lhes a verdade hoje à noite; se eu puder ser teu instrumento, tudo irá bem. Mas, ó Senhor, assume a direção." Assim que comecei a orar, foi-se todo o medo e preocupação, e deixei de me importar com o que estava para acontecer.

Terminada a oração, a maior parte das pessoas enxugava os olhos. Dispensei o segundo hino e pus-me a falar. Fiquei falando durante três quartos de hora. Deus proferiu, pelos meus lábios, um sermão como igual eu nunca havia ouvido, e aquela gente também jamais ouvira coisa igual. Quando a reunião terminou, eles se juntaram em torno de mim para apertar-me as mãos e beijá-las.

Contei-lhes então que tivera de arrastar-me até a reunião. Agora, posso afirmar-lhes que na volta, pareceu-me ter tocado o chão uma única vez até em casa, tão contente eu estava por Deus ter ouvido minha prece.

Dentro de três meses, todos os homens, mulheres e crianças presentes naquela sala eram membros da Igreja, e emigraram para Idaho, Utah e outros pontos da América. Mais tarde, mandaram seus filhos e netos de volta ao campo missionário, como resultado daquela única reunião, conforme me contou recentemente um dos mais velhos do grupo na Cidade do Lago Salgado, "mais de 10.000 pessoas responderam àquela reunião por intermédio dos emissários que saíram e levaram a mensagem a outros."

Será que sei que Deus vive? Eu sei disso melhor do que qualquer outra coisa na vida. Sei que ele é meu amigo, sei que está presente e ouve quando o chamo, e com essa certeza não sinto medo.

Histórias Excepcionais da Vida de Nossos Apóstolos *

MELVIN J. BALLARD

Esboço Biográfico

O Elder Ballard nasceu a 9 de fevereiro de 1873 em Logan, Utah, filho de Henry Ballard e Margaret McNeil Ballard.

Seu pai serviu como bispo da Ala II de Logan por mais de trinta e nove anos.

Em 1896, levou a efeito uma experiência no campo missionário. O Elder B. H. Roberts foi chamado para falar em algumas das principais cidades dos Estados Unidos. George D. Pyper, excelente tenor; Melvin J. Ballard, dono de uma bela voz de barítono e Edward P. Midgley, organista, foram designados para acompanhá-lo.

A 1.º de maio de 1909, assumia a presidência da Missão dos Estados do Noroeste, com sede em Portland, Oregon, para o qual fora recentemente chamado.

Serviu como presidente de missão durante dez anos, até ser chamado ao apostolado a 7 de janeiro de 1919. Foi ordenado pelo Presidente Heber J. Grant. Tinha então 49 anos de idade.

Em 1925 Elder Ballard foi chamado a cumprir missão na América do Sul.

Melvin Joseph Ballard faleceu no dia 30 de julho de 1939.

* Leon R. Hartshorn, comp. Exceptional Stories from the Lives of Our Apostles. Copyright Deseret Book Company, 1973. Usado com permissão.



**“Leve Isto
a seu
Pai”**

No dia 18 [Maio de 1884] havia uma fila de membros esperando fora da casa do Bispo Henry Ballard, [em Logan, Utah], visto como estava emitindo recomendações para o templo, para os membros da ala. Era um dia bonito e quente; Ellen, sua filha de nove anos, estava conversando com amiguinhos na calçada, diante da casa, quando se aproximaram dois homens de meia idade, caminhando pelo meio da rua. Um deles chamou: “Chegue aqui, garotinha”. Como Ellen hesitasse, o estranho apontou para ela dizendo: “É com você mesmo.” Pondo-lhe nas mãos, um jornal, disse ele: “Leve isto a seu pai, depressa. Não o entregue a mais ninguém. Vá depressa e não o perca.”

Margaret, esposa de Henry, é quem conta o resto da história: “Ellen entrou indagando pelo pai. Disse-lhe que o pai estava ocupado [emitindo recomendações] e pedi que me desse o jornal que eu o entregaria. ‘Não posso, o homem que me deu o

jornal mandou que não o desse a ninguém senão a papai.' Então deixei que ela o entregasse."

Henry imediatamente compreendeu a situação. O jornal era um número do **Newbury Weekly News** da Inglaterra, contendo anotações de "Wanderer", tiradas do cemitério de Thatcham, nomes e outros dados genealógicos referentes a uns sessenta conhecidos, já falecidos, de Henry e de seu pai. Quem o trouxera? Interrogando Ellen rapidamente, ele saiu de casa correndo e percorreu o quarteirão inteiro procurando e perguntando. Naquela pequena comunidade, onde todos os habitantes se conheciam, ninguém havia visto os dois estranhos. Jamais foram encontrados. O desaparecimento dos mensageiros em si já era de admirar, porém a data do jornal — 15 de maio de 1884 — era talvez ainda mais impressionante. Numa época muito anterior ao advento dos transportes aéreos, quando o correio levava semanas para chegar da Inglaterra ao oeste dos Estados Unidos, aquele jornal fizera o trajeto em três dias!

No dia seguinte, o Bispo Ballard levou o jornal ao Presidente Merrill, Presidente do Templo de Logan e contou-lhe os fatos. O presidente concluiu: "Irmão Ballard, alguém lá do outro lado espera ansioso que o trabalho no templo seja realizado por eles, e sabia que o irmão faria isso desde que o jornal lhe chegasse às mãos.

Cabe ao irmão fazer o trabalho, pois recebeu o jornal por meio de mensageiros do Senhor." Para sua grande alegria, os Ballard realizaram os batismos [vicários] e investiduras por todas as pessoas enumeradas. "Wanderer" nunca chegou a saber nesta vida, a grande obra possibilitada por suas excursões de férias.

"Tomou-me em Seus Braços e Me Beijou"

Testifico a vocês que eu sei que o Senhor vive. Sei que ele fez esse sacrifício e expiação. Ele me permitiu um pequeno vislumbre.

Lembro-me de uma experiência de dois anos atrás e que testificou à minha alma da realidade da sua morte, crucificação e ressurreição, a qual jamais esquecerei. Quero contá-la a vocês, meus jovens; não com espírito de vanglória, mas com um coração agradecido e ações de graças em minha alma. Eu sei que ele vive e sei que só através dele os homens podem encontrar salvação, e que não podemos ignorar esta oferta bendita que ele nos deu para nosso crescimento espiritual e para nos preparar a fim de chegarmos a ele e sermos justificados.

Lá na Reserva índia de Fort Peck, onde me encontrava fazendo trabalho missionário com

alguns outros irmãos, ao buscar o Senhor, para que nos iluminasse quanto às decisões referentes ao nosso trabalho ali e ao receber dele uma prova de que estávamos fazendo as coisas de acordo com a sua vontade, vi-me, em sonho, certa noite, no sagrado edifício, o templo. Após certo período de preces e regozijo, fui informado de que teria o privilégio de entrar numa daquelas salas a fim de encontrar-me com um glorioso Personagem; ao passar pela porta, vi, sentado numa plataforma elevada, o mais glorioso Ser que meus olhos jamais haviam contemplado ou que jamais teria concebido existir em todos os mundos eternos. Quando me aproximei para ser apresentado, ele levantou-se e veio ao meu encontro com os braços estendidos, enquanto sorria ao pronunciar mansamente o meu nome. Ainda que vivesse um milhão de anos jamais esqueceria aquele sorriso. Tomou-me em seus braços e me beijou, me apertou contra o peito e me abençoou até que a medula de meus ossos pareceu derreter-se! Quando terminou, ajoelhei-me a seus pés e, ao banhá-los com lágrimas e beijos, pude ver as marcas dos cravos nos pés do Redentor do mundo. A sensação que tive na presença daquele que tudo tem em suas mãos, ter seu amor, sua afeição e sua bênção foi tal que eu daria tudo o que sou para ter aquilo que apenas antegozara, daria tudo que posso esperar

ser no mundo, para sentir o que senti então.

“Seu Grande Coração Quase Dilacerado”

Está nas Escrituras que Deus amou o mundo de tal maneira, que deu por ele seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele cresse, sim, e guardasse seus mandamentos, fosse salvo. Esse sacramento, porém, não nos custou muito — todos esses gloriosos privilégios são-nos dados graciosamente, e eu me recordo das palavras de um de nossos grandes escritores que dizem mais ou menos isso: “Na barraca do demônio se vende qualquer coisa. Cada grama de escória vale seu peso em ouro”. (J. R. Lowell, “Vision of Sir Launfal”)

A única coisa que recebemos de graça são os céus. Só Deus pode ser alcançado por pedir simplesmente. Enquanto nada damos, talvez, por essa expiação e sacrifício, não obstante custaram alguma coisa a alguém, e gosto de meditar sobre o quanto custou a nosso Pai Celestial nos dar o seu Filho Amado, o digno Filho de nosso Pai, que amou o mundo a ponto de dar sua vida para redimi-lo, para salvar-nos e nos alimentar espiritualmente enquanto passamos por esta vida, e assim nos preparar para vivermos com ele “nos mundos eternos”. D&C 132:55.

Lendo a história do sacrifício de Isaque, filho de Abraão, penso que nosso Pai está tentando dizer-nos o quanto lhe custou dar seu Filho em favor do mundo. Todos conhecem a

história de como Abraão teve, depois de longos anos de espera, um filho que foi recebido por ele como o mais precioso de todos os seus bens; todavia, em meio ao seu júbilo, Abraão recebeu o mandamento ed oferecer seu único filho como sacrifício ao Senhor e ele obedeceu. Podemos sentir o que ia no coração de Abraão nesse momento? Vocês amam seus filhos tanto quanto Abraão; talvez não tanto, devido às circunstâncias peculiares, mas o que acham que ele sentia ao partir e despedir-se de Mãe Sara? Como imaginam que estivesse seu coração ao ver Isaque dar adeus à mãe para a jornada de três dias até o lugar indicado para a realização do sacrifício? Imagino que naquela hora, Pai Abraão teve que empenhar-se ao máximo para não demonstrar sua grande dor e aflição naquela partida; porém, ele e o filho caminharam penosamente durante três dias, em direção do local indicado, Isaque carregando o feixe de lenha destinado a consumir a oferta. Ao pé da montanha Abraão mandou que seus dois acompanhantes os aguardassem ali, enquanto ele e o filho subiam a montanha.

O rapaz então disse ao pai: “Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?”

Deve ter partido o coração do Pai Abraão ouvir o filho dizer-lhe confiantemente: “Onde está o cordeiro?” Olhando para o jovem, seu filho prometido, o pobre pai conseguiu dizer apenas: “Deus proverá.”

Eles subiram a montanha, ergueram um altar de pedras, e sobre ele colocaram a lenha. Em seguida Isaque foi amarrado pelos pés e mãos, de joelhos sobre o altar. Suponho que Abraão, como outro pai qual-

quer, haja dado ao filho um beijo de despedida, sua bênção e amor, enquanto sua alma se desfazia em agonia pelo filho que devia morrer pela mão de seu próprio pai. E prosseguiu levantando na mão o frio aço que iria derramar o sangue da vida, quando o anjo do Senhor bradou: “Basta!”

Nosso Pai Celestial passou por tudo isso e muito mais, pois no seu caso a mão não foi sustada. Ele amava seu Filho, Jesus Cristo, muito mais que Abraão amou Isaque, pois nosso Pai viveu com seu Filho fiel e devotado, nosso Redentor, durante eras nos mundos eternos; e o Pai amava profundamente o filho dando-lhe um lugar de honra e confiança. Mesmo assim este permitiu que Ele descesse de seu lugar de honra e glória, onde milhões lhe prestavam homenagem, para a terra, uma concessão inconcebível para a mente humana. Ele aqui veio para receber a injúria, o mau trato, abusos e uma “coroa de espinhos.” (João 19:2) Deus ouviu o grito do Filho naquele momento de suprema dor e agonia quando, no jardim, segundo nos é dito, seu corpo sangrou por todos os poros e ele implorou: “Pai, se queres, passa de mim este cálix.” (Lucas 22:42)

Eu pergunto, qual pai ou mãe seria capaz de ficar ouvindo seus filhos clamando por socorro neste mundo, e não dar ajuda e assistência? Ouvi contar de mães que se lançaram em águas turbulentas, sem saber nadar, para salvarem os filhos em perigo de afogar-se, que entraram em prédios incendiados para socorrer os entes queridos.

É impossível ficar de lado e ouvir esses brados sem que toquem nosso coração. O Senhor não nos deu poder

para nos salvarmos a nós mesmos. Ele deu-nos fé e assim nos submetemos ao inevitável; mas ele tinha o poder de salvar, e amava seu Filho e poderia tê-lo salvo. Poderia tê-lo poupado os insultos da multidão. Poderia tê-lo socorrido quando lhe colocaram na cabeça a coroa de espinhos. Poderia tê-lo salvo quando o Filho, pendurado na cruz entre dois malfetores, foi escarnecido: "Salvate a ti mesmo, e desce da cruz". Salvou os outros, e não pode salvar-se a si mesmo." (Mar. 15:30,31) Ele ouviu tudo. Viu o Filho ser condenado; viu-o arrastando a cruz pelas ruas de Jerusalém e cair sob seu peso. Viu o Filho, finalmente, no Calvário, viu seu corpo sendo estendido sobre a cruz; viu os cravos cruéis transpassarem suas mãos e pés, e os golpes que romperam sua pele, despedaçaram-lhe carne e derramaram o sangue de seu Filho. Ele viu tudo isso.

No caso de nosso Pai, a faca não foi suspensa, mas caiu e fez correr o sangue da vida de seu Amado Filho. O Pai contemplou o Filho Amado em sua profunda tristeza e agonia até que parece ter chegado um momento em que até mesmo nosso Salvador clamou em desespero: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mar. 15:34)

Penso ver nosso querido Pai, naquela hora, por detrás do véu, contemplando a agonia da morte até que nem mesmo ele conseguiu mais suportar por muito tempo; e, assim como a mãe que se despede do filho agonizante tem que ser afastada para não ver os últimos estertores, ele inclinou a cabeça e foi se esconder em alguma parte remota do seu universo, seu grande coração quase

dilacerado pelo amor que tinha ao Filho. Ó, naquele momento em que ele poderia ter salvo seu Filho, dou-lhe graças e louvor por não nos ter falhado, por não ter pensado com amor unicamente no Filho, mas teve também amor por nós. Regozijo-me por não ter ele interferido, e porque seu amor por nós possibilitou-lhe suportar a visão dos sofrimentos do seu Filho, dando-o finalmente a nós, como nosso Salvador e Redentor. Sem ele, sem o seu sacrifício, nós estaríamos aguardando até hoje e não poderíamos jamais chegar glorificados à sua presença. E assim, foi isto o que custou, em parte, ao nosso Pai Celestial, dar seu Filho como um presente aos homens.

"Ele Foi Meu Filho Antes de Ser Seu"

Não terá o Senhor direito de nos chamar para si? Não somos em primeiro lugar seus filhos e filhas? Lembro-me de um pai que não queria se conformar com a morte de seu único filho. Um dia, nas montanhas, contou-me que buscara o Senhor dizendo: "Por que me tiraste meu garoto, meu filho, minha esperança e meu orgulho?" E então ouviu sussurros do Espírito: "Ele foi meu filho antes de ser seu. Amo-o mais do que tu jamais poderás amá-lo, mas se fores fiel eu to devolverei." E aquele pai conformou-se. Resignou-se com o fato de que Deus tinha um direito maior. Quando somos chamados pelo Senhor, cabe-nos dizer: "O Senhor deu

e o Senhor tomou; bendito seja o nome do Senhor." Isto é tudo que podemos fazer, e se o desejarmos, havemos de sobrepujá-los e levantar-nos triunfantes e vitoriosos sobre todos nossos pesares. Se pudermos nos submeter a essa providência teremos paz no coração.

"Mãe Não Se Esqueça de Mim"

Um caso contado pelo Presidente Wood, do Templo de Alberta, Canadá, prova que os seres do mundo espiritual sabem do trabalho feito aqui nos templos. Durante uma cerimônia de selamento dos filhos a seus pais, em meio à cerimônia ele sentiu-se impelido a perguntar à mãe que estava presente: "Irmã, esta lista contém o nome de todos os seus filhos?" Ela respondeu que sim. Ele começou novamente, porém mais uma vez interrompeu-se perguntando se a lista estava completa. A mãe respondeu que não tinha mais filhos. Ele tentou prosseguir, mas, pela terceira vez foi impelido a perguntar: "Irmã, não perdeu, quem sabe, um filho cujo nome não está na lista? Ela então retrucou: "Sim, agora me lembro. Nós realmente perdemos um bebê. Nasceu vivo, mas morreu logo em seguida. Esqueci-me de incluir o nome dele." Incluído o nome, ele, como primogênito, foi nomeado primeiro e todos foram selados aos pais.

O Presidente Wood explicou depois: "Cada vez que eu ia selar os filhos, ouvia uma voz dizer: "Mãe, não se esqueça de mim", e não conseguia prosseguir." O apelo repetiu-se até que a omissão foi descoberta.

O PAPEL DO DIÁCONO

Bispo Vaughn J. Featherstone
Segundo Conselheiro
no Bispado Presidente
Ilustrado por Ted Henninger

A nos atrás, ouvi uma história que tão logo não esqueerei: Um jovem, durante suas escaladas por escarpados picos de montanhas, encontrou um ninho de águia. O ninho continha vários ovos. O rapaz tirou um deles e o levou cuidadosamente para casa, onde o colocou entre os outros ovos que estavam sendo chocados por uma galinha. No devido tempo, todos os ovos vingaram e a aguiazinha foi se criando junto com os pintinhos. Aprendeu a esgaravatar o chão, como fazem as galinhas, em busca de alimento. Embora atingisse seu tamanho normal, nunca procurou alçar vôo. O rapaz observava seu desenvolvimento com grande interesse. Queria que a águia voasse. Assim, certo dia levou a ave para o topo do telhado e disse:

— És uma águia, voa!

Mas a águia simplesmente voou de volta ao galinheiro e se pôs a ciscar, como as galinhas. Poucos dias depois, muito antes do amanhecer, o rapaz levou a águia para um alto penhasco entre as montanhas. Então, quando os primeiros raios de sol irromperam por sobre os picos elevados, ele tornou a falar:

— És uma águia, voa!

A águia começou a estender suas asas; seus olhos captaram um raio de sol; uma sensação estranha percorreu-lhe o corpo, de uma à outra ponta das asas. O ar frio e puro, o perfume do pinheiral e um regozijo nunca sentido percorreu o corpo da grande ave. Suas asas se estenderam mais ainda, enviando impulsos vigorosos por toda a sua estrutura.

Começou a elevar-se do braço do jovem, e logo subia e subia, revolteando centenas de metros acima dos altos picos. Foi-se elevando cada vez mais, voando para longe na imensidão do espaço. Num instante viu mais do que as suas companheiras, as galinhas, presas à terra, conseguiam ver durante uma vida inteira. Dali em diante, a águia jamais se contentaria outra vez em permanecer no galinheiro.

Depois de ter sentido o poder e a alegria de, realmente, magnificar o seu Sacerdócio e elevar-se aos espaços infinitos do servir, o diácono também não mais se contentará em ser uma ave doméstica, um rapaz comum. Quererá representar Deus aqui na terra e ser um de seus servos santos e eleitos.

O diácono "deverá ser ordenado de acordo com os dons e chamados que de Deus receber; e deverá ser ordenado pelo poder do Espírito Santo que está com aquele que ordena." (D&C 20:60) "Nenhuma pessoa deverá ser ordenada a nenhum cargo nesta igreja, onde houver um ramo dela organizado segundo regulamento, sem o voto da igreja". (D&C 20:65)

Os deveres de um diácono incluem distribuir o sacramento, visitar as casas de membros e receber ofertas de jejum, servir como mensageiro do bispo e seus conselheiros, e como companheiro junior no ensino familiar onde não houver número suficiente de mestres e sacerdotes. Tais responsabilidades são do conhecimento de quase todos os diáconos.

Mas ele tem ainda outras respon-

sabilidades que, embora um pouco mais sutis, são de vital importância.

Padrões do Trajar: Espera-se que todo diácono se apresente adequadamente trajado no desempenho de seus deveres. Quando distribui o sacramento, deve usar camisa de colarinho e gravata. Nenhum jovem desejará violar deliberadamente sua ordenação sacerdotal chamando a atenção para sua aparência. O comprimento do cabelo não deve dar uma impressão feminina ou distrair a concentração dos membros.

Quando servir como mensageiro do bispo, deve apresentar-se limpo e bem arrumado, mostrando-se de forma que o bispo possa sentir dele justificado orgulho. Quando visitar a casa dos membros, o diácono deve estar bem apresentado no desempenho de sua designação do Sacerdócio. Em alguns casos, o único contato de membros inativos com a Igreja é a visita mensal de um diácono para receber a contribuição da oferta de jejum. Essa breve visita poderá exercer uma poderosa influência em nossos membros inativos. Os diáconos devem apresentar-se asseados e bem trajados, conduzindo-se de maneira digna e amável. Um sorriso franco e um firme aperto de mão da parte de um jovem diácono poderão provocar sérias reflexões em membros inativos. As designações do ensino familiar devem ser cumpridas da mesma maneira digna. Um diácono deverá estar sempre preparado para prestar seu testemunho a uma família quando seu companheiro sênior o solicitar.

Conduta: O diácono deve conduzir-se adequadamente em todas as oca-

siões, mas isso se aplica particularmente à sua conduta quando à mesa do sacramento. Temos visto diáconos imaturos que brincam, fazem caretas, riem, empurram os companheiros e se mostram, no todo, bastante frívolos quanto a essa sagrada ordenança. Um jovem assim deve ser ensinado que está violando a sagrada confiança que o Senhor lhe concedeu de ajudar na ordenança. O diácono deve portar-se de acordo com um único padrão. Na Igreja não existem padrões diferentes. O diácono não deve contar histórias sujas, ler literatura pornográfica, empregar linguagem irreverente ou mostrar-se grosseiro e ofensivo. Viver segundo os padrões exige maturidade, e os diáconos que o fazem encontrarão sucesso no mundo e grandes oportunidades para servir no reino de Deus.

Dignidade: Todos os nossos encargos no Sacerdócio, devem ser determinados por nossa dignidade. Um diácono deve ser honesto em tudo que faz. A verdade deve ser parte integrante da sua conduta e comportamento. Jamais deverá violá-la mentindo ou trapaceando em casa, na escola ou entretenimentos. O diácono deve ser moralmente limpo e puro de pensamento. Nunca deverá violar a Palavra de Sabedoria ou envolver-se com drogas. Sua preocupação deve ser mostrar-se digno, todos os dias de sua vida. Assim fazendo, terá progresso, desenvolvimento e sucesso. Um dos mais altos objetivos que podemos ter como indivíduos é nos tornarmos puros de coração. E, à medida que nos empenhamos em viver dignamente, nós nos tornamos puros de coração.

Serviço ao Próximo: Há muitos anos, compareci a uma conferência com o Presidente Marion G. Romney. Durante o intervalo entre as sessões, saímos para uma pequena caminhada, e uma das coisas que me

disse então foi: "Irmão Featherstone, acha que algum dia os irmãos do Sacerdócio chegarão a entender que nasceram para servir seus semelhantes?" Numa só frase, ele deu-me todo um conceito que tem sido a

grande motivação de minha vida. Eu a compartilho com vocês.

Oro sinceramente, para que todo diácono venha a compreender que ele veio ao mundo para servir seu próximo.



**“És uma
águia,
voa!”**

O PAPEL DO MESTRE

Bispo H. Burke Peterson

Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

Ilustrado por Ted Henninger

Ao refletir sobre o assunto, veio-me à mente uma história, de autor desconhecido, que me contaram recentemente.

Muitos anos atrás, na nevoenta cidade de Londres, um rapaz sustentava sua mãe viúva e cinco irmãos, indo à noite até a estação para servir de guia aos passageiros que chegavam, conduzindo-os pelas ruas escuras e estreitas com sua lanterna até o seu respectivo destino. Certa ocasião, o rapaz foi abordado por um estranho que lhe pediu para ser levado a determinado setor da cidade. O nevoeiro estava cerrado e o calçamento de paralelepípedo, perigosamente escorregadio. O rapaz concordou embora isso significasse arriscar a própria vida. Os dois puseram-se a caminho, o rapaz, de lanterna na mão, indo na frente. Depois de horas de caminhada, finalmente chegaram ao destino, onde o cavaleiro deu ao rapaz a recompensa combinada. Este, aceitando cortesmente o ganho merecido, voltou depressa para a estação. Assim que lá chegou, diversas pessoas apareceram do meio do nevoeiro e lhe deram, cada uma, a mesma quantia em dinheiro. A princípio o rapaz não quis aceitar o dinheiro, pois achava que não fizera jus a ele. Finalmente um dos estranhos explicou:

— Estávamos todos perdidos no nevoeiro, sem a mínima idéia de para onde íamos. Então vimos sua lanterna e a seguimos à distância. Apenas queremos recompensá-lo por ter-nos guiado para um lugar seguro. Se não o tivéssemos seguido, ainda estaríamos lá fora, perdidos na cerração.

Ao ajudar os perdidos a reencontrar seu caminho, o mestre ordena-

do pode não se dar conta das outras vidas que influencia para o bem, ao mesmo tempo. Magnificando o seu Sacerdócio por meio do serviço ao próximo, ele é uma luz para outros seguirem.

Muitos de nós já tivemos oportunidade de visitar a Praça do Templo na Cidade do Lago Salgado. Na parede ocidental do templo existem várias coisas interessantes. Uma delas é uma representação da constelação Ursa Maior, cujo simbolismo foi explicado pelo Presidente Harold B. Lee num discurso proferido no seminário diante de presidentes de missão, a 2 de julho de 1961, um domingo. Iniciando o discurso, o Presidente Lee contou que durante a construção do Templo de Salt Lake, Brigham Young solicitou ao arquiteto do mesmo, Truman O. Angell, que escrevesse um artigo para o *Millennial Star*, um periódico da Igreja, na esperança de despertar os santos de outras partes para a necessidade de contribuir para o projeto de construção. Nesse artigo, o Irmão Angell descreveu o simbolismo de alguns pormenores externos do templo. E o Presidente Lee continuou a descrever o artigo do Irmão Angell, dizendo:

"Há pedras esculpidas em baixo relevo representando o sol, a lua e as estrelas, como símbolos dos três graus de glória. Vocês já as viram bem como as outras coisas que lá existem; mas há outra coisa que ele mencionou que tem particular importância e na qual gostaria que pensassem. Disse ele que, na face ocidental do templo, abaixo da torre ou das ameias como dizem, exatamente sob o quadrado, será representada

a constelação que os astrônomos chamam de Ursa Maior, com as duas estrelas da base voltadas para a Estrela Polar, simbolizando e sugerindo à mente que "através do Sacerdócio de Deus os transviados podem encontrar o caminho."

Aos mestres, como parte vital dessa força do Sacerdócio, cabe guiar, dirigir, instruir e iluminar os outros. E à medida que assim fizerem, estarão ajudando os perdidos a encontrar seu rumo.

Os mestres ordenados no Sacerdócio Aarônico estão encarregados de cuidar do ensino familiar, preparar a mesa do sacramento, atuar como recepcionistas e cumprir todos os encargos do diácono, quando chamados a fazê-lo. Cuidando diligentemente destes deveres, estarão cumprindo a sagrada obrigação recebida do Senhor de "zelar sempre pela igreja, estar com os membros e fortalecê-los". (D&C 20:53)

Todos os deveres do mestre são importantes. Na conferência geral de outubro de 1970, dizia o Bispo Victor L. Brown: "O Sacerdócio Aarônico não é apenas uma atividade destinada a manter os jovens ocupados e livres de dificuldades. É um segmento do governo do reino de Deus na terra. Seus portadores estão autorizados a cumprir os deveres que ajudarão o Senhor na realização da sua obra e sua glória..." (CR, Outubro 1970, p. 125)

No desempenho do ensino familiar, o mestre encontra uma oportunidade especial para beneficiar a vida de seus semelhantes e guiá-los para a vida eterna. Um conhecido meu contou-me uma experiência que ajudará a ilustrar este ponto. "Recen-

temente", dizia ele, "um irmão e seu filho, um mestre, foram designados para serem nossos mestres familiares. Nós sabíamos da dedicação do pai ao Evangelho, mas não o que esperar de seu filho, embora sua aparência e comportamento indicassem a mesma dedicação. Durante a primeira visita deles, fiquei de olho no rapaz. Além de se mostrar razoavelmente quieto, tudo que fazia ou dizia emprestava dignidade ao Sacerdócio que possuía. Logo souberam que nosso filhinho falecera um ano atrás e que estava para nascer outra criança. Daquele momento em diante, eles tornaram-se uma parte especial de nossas vidas, orando por nós e nos incentivando. Ao fim daquela primeira visita, pedi ao rapaz que oferecesse a oração. Na prece ele pediu ao Senhor que nos sustentasse na perda de nosso filho e abençoasse a criança que estava para nascer. Rogou, especificamente, que minha esposa não tivesse dificuldades em dar à luz o filho. Minha esposa e eu nos sentimos comovidos com a sinceridade e sensibilidade daquele jovem mestre. Durante os dias e semanas que se seguiram, esses irmãos pediam notícias nossas regularmente (mais do que uma vez por mês). Após o nascimento do bebê, o rapaz e seu pai nos trouxeram um presente. Ao ajoelhar-mos todos em oração, o mestre expressou sua gratidão ao Senhor pelo feliz nascimento da criança". Aqui temos um rapaz que entende a importância da designação recebida do Senhor. Poderíamos dar outros exemplos. O ensino familiar é apenas uma das maneiras para usar o Sacerdócio em benefício da vida dos outros.

O mestre desempenha um papel especial na Igreja. Seu cargo é um apêndice necessário do Sacerdócio Aarônico. (D&C 84:30) Assim como o cargo é necessário, da mesma for-

ma o é aquele que o preenche. O mestre deve compreender que exatamente como ele precisa da Igreja, a Igreja precisa dele.

O mestre deve entender seu papel na Igreja. Alguns entre nós demonstramos uma atitude descuidada no tocante ao cumprimento dos deveres sacerdotais. Um dos motivos disto é a falta de compreensão a respeito da incumbência que recebe-

mos. A melhor maneira de compreendermos nosso papel é desempenhar nossos deveres específicos.

Oro sinceramente para que as bênçãos do Senhor estejam com todo mestre, a fim de que ele possa compreender seu papel e o cumpra de forma a trazer honra e glória a si próprio bem como ao Pai Celestial.



"Minha esposa e eu sentimo-nos comovidos com a sinceridade e sensibilidade daquele jovem mestre."

O PAPEL DO SACERDOTE

Bispo Presidente
Victor L. Brown

Ilustrado por Ted Henninger

Desde meu tempo de garotinho, no oeste do Canadá, que eu gosto de cavalos. Meu pai sempre cuidou que eu e meu irmãos tivéssemos um cavalo, até eu ter aproximadamente quinze anos. No decorrer dos anos tivemos diversos; alguns deles eram preguiçosos; um ou dois eram fogosos e de puro sangue. Desde a época em que eu era um jovem sacerdote até mais ou menos os 50 anos, as circunstâncias me impediram de possuir um cavalo, embora continuasse gostando deles. Nos últimos anos, me tornei proprietário de uma égua puro-sangue.

Embora os compromissos limitem meus contatos com esses animais, eles têm sido uma fonte de alegria para mim; mais do que isso: deram-me algumas lições muito valiosas que me ajudaram a aprender a honrar o Sacerdócio, seja como jovem no Sacerdócio Aarônico como na idade adulta. Gostaria de contar-lhes algumas delas.

Certo dia, papai trouxe para casa uma linda e fogosa égua puro-sangue, devidamente treinada como pônei de pólo. Acontece que o comprador do lote de cavalos a achou um pouco pequena, e então papai a comprou para nós. Foi um dos presentes mais estimulantes que já ganhara, um prêmio que faria a felicidade de qualquer rapaz. Ela sabia partir como um raio, parar instantaneamente, recuar quase tão ligeiro como corria, fazer tudo o que qualquer outro cavalo fazia, e melhor ainda. Era um puro-sangue; entretanto, faltava-lhe uma coisa. Quase toda vez que eu procurava montá-la, ela disparava comigo. Talvez a culpa fos-

se minha, mas ela simplesmente não aceitava autoridade. Tomava o freio nos dentes e disparava, sem ligar a mínima para onde eu queria ir. Era uma rebelde. Todo seu treinamento e talentos tornavam-se inúteis por ela ser teimosa e ressentir-se da autoridade. Nós lhe dêramos o nome de Lady, mas logo abandonamos esse nome e, finalmente, a passamos adiante.

Clipper era um belo alazão. Era meio puro-sangue e bem treinado. Quando era solto no pasto após um dia duro de trabalho, ele saía correndo a corcovear feito um potro brincalhão. Um dia, montando Clipper, eu tentava tocar nossa vaca para casa, sem resultado; então eu a licei, enrolando a corda em torno do arção da sela. Justamente quando a corda chegou ao fim do laço, partiu-se a cilha da sela, fazendo-me cair com ela e tudo debaixo do Clipper. Ele estava excitado e em plena corrida, porém parou no mesmo instante e não moveu um músculo até eu me safar do perigo.

Agora vamos falar de Katie, a égua que adquiri há poucos anos. É dona de um **pedigree** importante. Ambos os pais foram campeões. Katie é de um castanho bonito; é inteligente e anda sempre de cabeça erguida. Seu primeiro potro ganhou muitos prêmios em competições de adestramento e ajaezado. Quando a compramos, Katie estava em péssimas condições. Tinha sido maltratada e mal alimentada. Mas achei que com os devidos cuidados ela melhoraria e, de fato, ela correspondeu. É o mais belo exemplar e de melhor linhagem que já tive. Seria uma verdadeira campeã, exceto por uma coi-

sa — nunca aprendeu uma boa disciplina. Seu primeiro adestramento foi mal feito. É divertida de se montar por pouco tempo. Anda com passo saltitante, de cabeça erguida, levanta as patas, é uma beleza de se ver; mas no momento em que se assusta ou encontra um objeto estranho, ela perde a cabeça: Um dia assustou-se com um cachorro. Empinou-se a ponto de cair para trás, de costas, em cima de mim, ferindo-me a perna. Depois que conseguiu se pôr de pé, saiu correndo como um gamo arisco. Com toda sua beleza e inteligência, ela agora fica no pasto.

Suzzie é cria da Katie. Tem agora seis anos e é tão linda quanto a mãe. Três anos atrás Suzzie recebeu algum adestramento. Daí para cá quase não tem sido treinada. Ela regrediu praticamente ao nível do desempenho anterior ao adestramento. Tivesse sido treinada regularmente, agora seria uma delícia de se montar.

É claro que não pretendo, comparar a inteligência de um excelente jovem com a de um cavalo. Vocês, sacerdotes no Sacerdócio Aarônico, são de uma linhagem real. São filhos de Deus, possuidores de grande poder e potencial ilimitado. Estão sendo treinados nos últimos cinco ou seis anos, em preparação para a maior honra e responsabilidade que um homem pode receber, isto é, o Sacerdócio de Melquisedeque — o poder de agir em nome de Deus e ter seus atos ratificados pelos céus. No decorrer desse treinamento, vocês têm sido ensinados pelos oficiais presidentes, principalmente o bispo que é o presidente do seu quorum. Ele os tem instruído sobre o

serviço sacramental e batismo, sua responsabilidade quanto ao ensino familiar e, atualmente, lhes dá instruções de liderança no programa da AMM do Sacerdócio Aarônico. Ensinou-lhes que a aparência e limpeza, tanto externa quanto interior, são de grande importância, se pretendem ser um bom exemplo para outros.

Ao presidirem à mesa do sacramento, estão possibilitando aos membros da Igreja que renovem seus convênios com o Senhor. Isto vocês fazem através do poder do seu Sacerdócio. Ao realizarem um batismo, estão exercendo o mesmo Sacerdócio possuído por João Batista quando batizou o Salvador no Jordão. Ao "visitar a casa de cada membro, exortando-o a orar em voz alta e em segredo e a cumprir todas as obrigações da família" (D&C 20:47), vocês mais uma vez estão exercendo o Sacerdócio como mestres familiares.

Se aprenderam bem estas lições, terão encontrado a realização somente alcançada pelo serviço prestado aos semelhantes, que, de fato, é serviço prestado a Deus. Estes princípios ajudá-los-ão a vencer o poder de Satanás uma das formas do qual é a rebeldia. Sentir-se-ão em harmonia com os que ocupam cargos de autoridade, tornando-se de fato verdadeiros "puros-sangues", preparados para servir como missionários, casar no templo e assumir grandes responsabilidades de liderança na Igreja.

Assim como seu bispo, tenho muita fé em cada um de vocês e sei que, se honrarem plenamente o Sacerdócio, virão a participar da edificação do reino de Deus na terra em seu aspecto mais significativo. Rogo as bênçãos do Senhor sobre vocês no seu empenho em busca da excelência.

**...mas não
demorou para
abandonarmos
esse nome e
finalmente a
passamos
adiante.**



**"CLARO QUE VOCÊS
TÊM IDADE BASTANTE,**

MENINAS"

Ardeth G. Kapp

Segunda Conselheira na
presidência da A.M.M.M.
do Sacerdócio Aarônico

Ilustrado por Ted Henninger

Será que são capazes?", "Não são novas demais?", "Elas são tão inexperientes!" Enquanto alguns questionam e duvidam, aqueles que têm o privilégio de ver as jovens se esforçando para fazer o melhor que podem, expressam autêntica confiança nesta geração eleita.

Claro que vocês têm idade bastante, meninas! De acordo com a sua promessa, o Senhor lhes fala diretamente desde que se preparem para receber inspiração e revelação com referência a seus deveres e responsabilidades na AMMM do Sacerdócio Aarônico.

Uma jovem presidente das Laureis (jovem em anos mas sensata em entendimento) colocou desta maneira o assunto: "Minhas orações mudaram porque agora devo tomar uma série de decisões importantes. A gente precisa estar perto do Pai Celestial. É uma responsabilidade enorme, visto como é muito importante para a minha vida e a de outras garotas. Estou me esforçando mais para estar perto do Senhor... não é um dever mas um privilégio. A gente não está orando só por si mesma mas também por outras pessoas".

Numa outra área da Igreja, a juventude de várias alas estava numa reunião conjunta; já era tarde; naquela noite, muitos testemunhos comovedores haviam sido prestados quando o bispo fez sinal ao jovem sacerdote que dirigia a reunião para que a concluísse, mesmo que o banco ainda estivesse cheio de jovens ansiosos por prestar seus testemu-

nhos. Porém, depois de ter esperado tanto tempo a coragem para levantar-se, chegando a sua vez, certa garota não pôde deixar escapar aquela oportunidade para contar "como funciona", e foi depressa para o púlpito.

"Vejam", disse ela, "fui chamada como presidente de uma classe de dezessete meninas, e o bispo me explicou que eu era responsável por elas. Quase morri de medo. Eu nem sabia direito onde estavam. Depois ele mandou que eu escolhesse minhas conselheiras, lembrando-me da necessidade de orar e consultar o Senhor. Fiquei imaginando como fazer — como eu iria saber quem o Senhor queria".

Nesse momento, aquela jovem presidente de classe deixou de remexer-se, apurou o corpo e, inclinando-se para a frente, e com voz convicta, embora embargada, contou sua experiência.

"Escrevi os dezessete nomes numa folha de papel. Depois orei a respeito deles. Toda vez que eu terminava de orar, sentia-me impelida a riscar um ou dois nomes da lista. Continuei pensando, e orando, e tentando decidir-me até o terceiro dia. Quando restavam apenas dois nomes, pude sentir clara e poderosamente quem o Pai Celestial queria. É assim que funciona".

Aparentemente aliviada da urgente necessidade de prestar testemunho, ela prosseguiu em tom entusiasmado: "Eu amo essas garotas, e tentaremos ser um bom exemplo e motivar todas elas, em nossa classe, para não perdermos uma sequer".

Do meu lugar eu podia observar

o rosto das jovens e também pude perceber quem o Senhor havia escolhido para conselheiras delas. Duas garotas sentadas lado a lado, sorrindo confiantes e com lágrimas nos olhos, convenceram-me de que não perderiam "uma sequer".

Sim, vocês têm idade suficiente para testemunhar o poder do Espírito Santo quando buscam inspiração de um Pai de amor, com respeito ao chamado que dele receberam por intermédio do bispo.

"Mas, eis que Eu te digo, debes ponderar em tua mente; depois Me debes perguntar se é correto e, se for, Eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir assim, que é certo". (D&C 9:8)

Com um testemunho e a confirmação em sua alma, tendo recebido inspiração, vocês são capazes de ser um instrumento nas mãos do Senhor, no cumprimento do seu chamado, enquanto procuram motivar cada garota, cada filha de Deus pela qual são responsáveis.

Outra garota, conselheira na sua ala, explica-o desta maneira: "Como conselheira, a gente tem que ser um bom exemplo sob todos os aspectos. Não sendo um bom exemplo, a gente se prejudica, tanto a si mesma quanto às outras meninas. Quando nossa presidente não consegue tomar uma decisão, podemos orar juntas sobre a questão; é muita responsabilidade para uma pessoa só".

Outra garota, loura e tímida, mas disposta a partilhar seus sentimentos, explica: "Sou um membro da classe. Não tenho recebido muitas designações, mas estas nos fazem

sentir a necessidade de nos envolvermos. Quando nos dão uma responsabilidade, isto significa que confiam na gente. Quando recebo uma designação, tenho oportunidade de crescer e valer-me da ajuda do Senhor. Tínhamos uma porção de garotas inativas que agora estão vindo. Isso, realmente, faz a gente sentir-se bem. Quero que elas progridam como eu progrido. Desejo sinceramente que elas venham”.

O telefone tocou e, outra experiência foi partilhada.

“Sei que já é tarde, mas não podia deixar de contar-lhe”.

Era a voz de uma irmã de um ramo pequeno.

“Eu tinha certeza de que seria uma boa experiência, mas nunca imaginei que seria tão maravilhosa. Sabe, uma das garotas que tinha sérios problemas, agora é a presidente da classe. Fiz o possível para que tivesse oportunidade de ver o Evangelho em ação. Discutimos assuntos importantes que diziam respeito a nós ambas e depois nos ajoelhamos em oração. A seguir debatemos a situação e, antes de nos separarmos, voltamos a nos ajoelhar; mas desta vez foi ela quem se dirigiu ao Senhor. Juntas murmuramos o amém. Seus olhos se arregalaram e ela falou num sussurro humilde mas exaltado: “Nunca antes me senti assim. Sei que o Pai Celestial escuta as orações”.

“Ó, como eu amo essa juventude”. Sua voz era prova disto. “São responsáveis e o Senhor opera através delas quando nós, suas líderes, as ajudamos a entender suas responsabilidades”.

Como Néfi, em outros tempos, toda jovem que arca com grandes responsabilidades poderá dizer hoje em dia: “... Eu irei e cumpirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor

“...fui chamada como presidente de uma classe de dezessete meninas, e o bispo me explicou que eu era responsável por elas.”



nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas”. (1 Néfi 3:7)

Presto meu testemunho de que o Senhor tem falado através do seu profeta nestes dias a respeito de sua

geração eleita dos jovens, buscando orientação divina no que toca a suas responsabilidades, vocês serão usados como instrumentos nas mãos do Senhor para a concretização de seus propósitos. Claro que vocês têm idade bastante, meninas!

Um Quebra - Cabeças Subindo Por Sua Própria Árvore Genealógica

Elizabeth L. Nichols

Ilustrado por Ed Margon

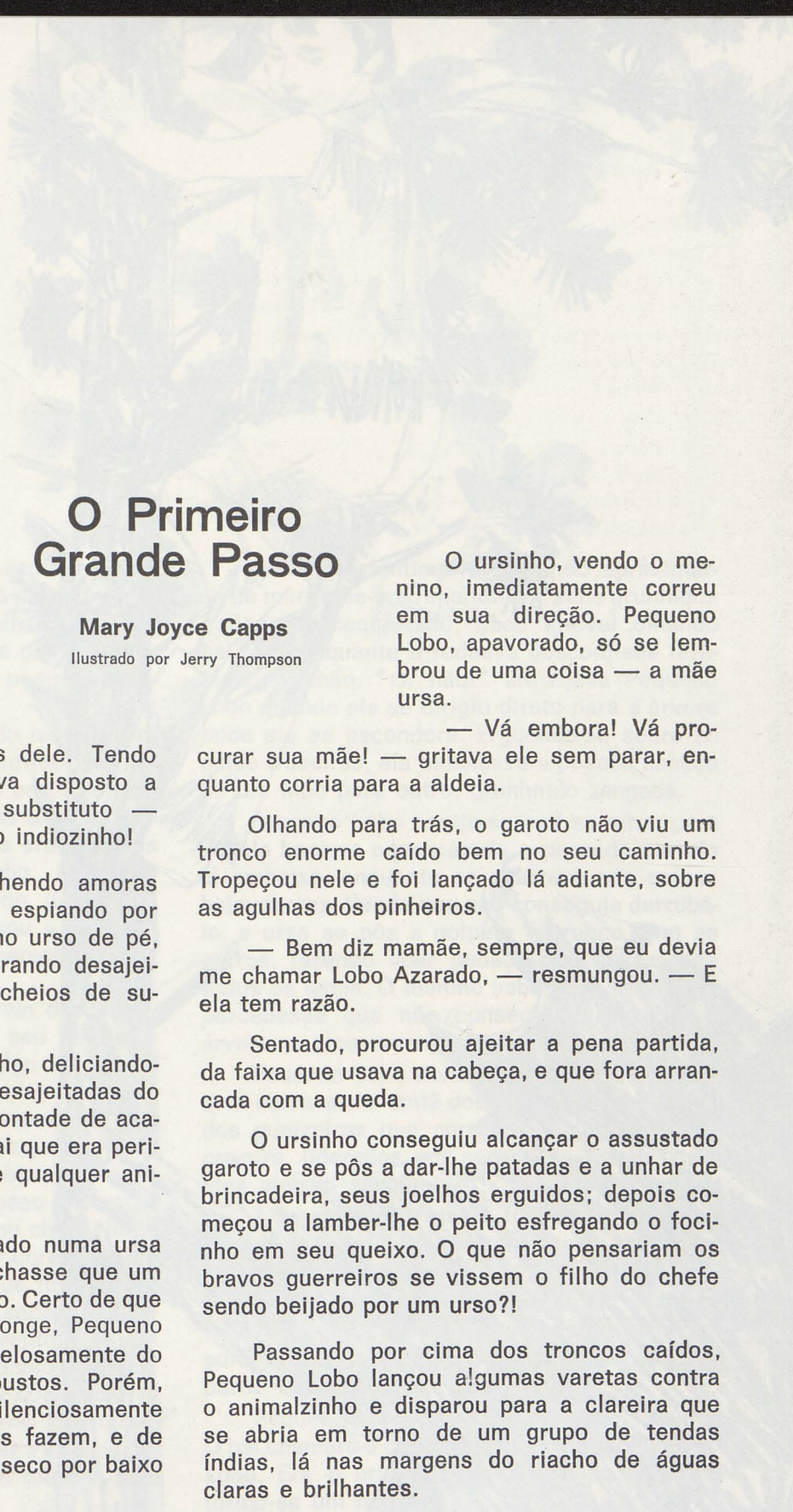
Honestamente, você tem feito algum trabalho genealógico ultimamente? Então use estas poucas perguntas como exercício estimulante; depois, por que não dar uma subida na sua árvore genealógica?

Você talvez goste bem de aplicar-se naquilo que muita gente considera o trabalho mais intrigante que o Senhor nos dá oportunidade de realizar.

1. Qual o profeta do Velho Testamento reconhecido como o primeiro a manter um livro de recordações? (Moisés 6:5-8)
2. Sabe citar o nome de três profetas do Velho Testamento que se referiram a um livro de recordações? (Moisés 6:5-8; 45-46; Mal. 3:16-18)
3. Uma Escritura importante referente à genealogia é encontrada — com leves variações — nas quatro obras-padrão. Procure citar as primeiras palavras sem recorrer às referências dadas. (Mal. 4:5-6; III Néfi 25:5-6; D&C 2; Joseph Smith 2:38)
4. Elias realmente retornou à terra conforme promessa de Malaquias? (D&C 110:14-16) Sim Não
5. O que é citado em Doutrina & Convênios como “o mais glorioso de todos os assuntos pertencentes ao Evangelho eterno”? (D&C 128:17)
6. Que bênçãos podem obter os espíritos em “prisão” pelos quais se realizou o batismo vicário? (D&C 128:22)
7. Quando nasceu a idéia da grande importância de se manterem registros das obras pelos mortos? (D&C 128:5)
8. Por que Adão chamou sua mulher de Eva? (Gên. 3:20)
9. De que fonte Enoque tomou conhecimento da genealogia dos filhos de Adão? (Moisés 6:8-25, 45-47)
10. Você é parente de Adão e Eva? (Moisés 4:26; Abraão 1:3)

Respostas:

1. Adão.
2. Adão, Enoque, Malaquias.
3. “Eis que eu vos envio o Profeta Elias...” Procure a Escritura e leia o resto.
4. Sim, no dia 3 de abril de 1836.
5. O batismo pelos mortos.
6. Eles serão libertados.
7. Antes da fundação do mundo.
8. Por ser a mãe de todos os seres viventes.
9. De um livro de recordações.
10. Sim. Eles são os primeiros pais de todos nós.



O Primeiro Grande Passo

Mary Joyce Capps

Ilustrado por Jerry Thompson



Vá embora! Vá embora! — gritava Pequeno Lobo, olhando para trás, enquanto corria à toda pelo chão forrado de agulhas de pinheiro. Mas o ursinho continuava soltando tristes grunhidos enquanto corria atrás dele. Tendo perdido a mãe, o filhote estava disposto a aceitar qualquer coisa como substituto — mesmo que fosse um apavorado indiozinho!

Pequeno Lobo estivera colhendo amoras silvestres para a mãe quando, espiando por entre os arbustos, viu o pequeno urso de pé, sobre as patas traseiras, procurando desajeitadamente alcançar os ramos cheios de suculentas amoras.

O garoto ficou bem quietinho, deliciando-se em observar as tentativas desajeitadas do pequeno urso pardo. Dava até vontade de acariciá-lo, mas aprendera com o pai que era perigoso envolver-se com a cria de qualquer animal selvagem.

Não havia nada de engraçado numa ursa parda, especialmente quando achasse que um de seus filhotes estava em perigo. Certo de que a ursa não devia estar muito longe, Pequeno Lobo começou a afastar-se cautelosamente do animalzinho por entre os arbustos. Porém, ainda não sabia esgueirar-se silenciosamente na floresta, como os guerreiros fazem, e de repente fez estalar um raminho seco por baixo de seu sapato.

O ursinho, vendo o menino, imediatamente correu em sua direção. Pequeno Lobo, apavorado, só se lembrou de uma coisa — a mãe ursa.

— Vá embora! Vá procurar sua mãe! — gritava ele sem parar, enquanto corria para a aldeia.

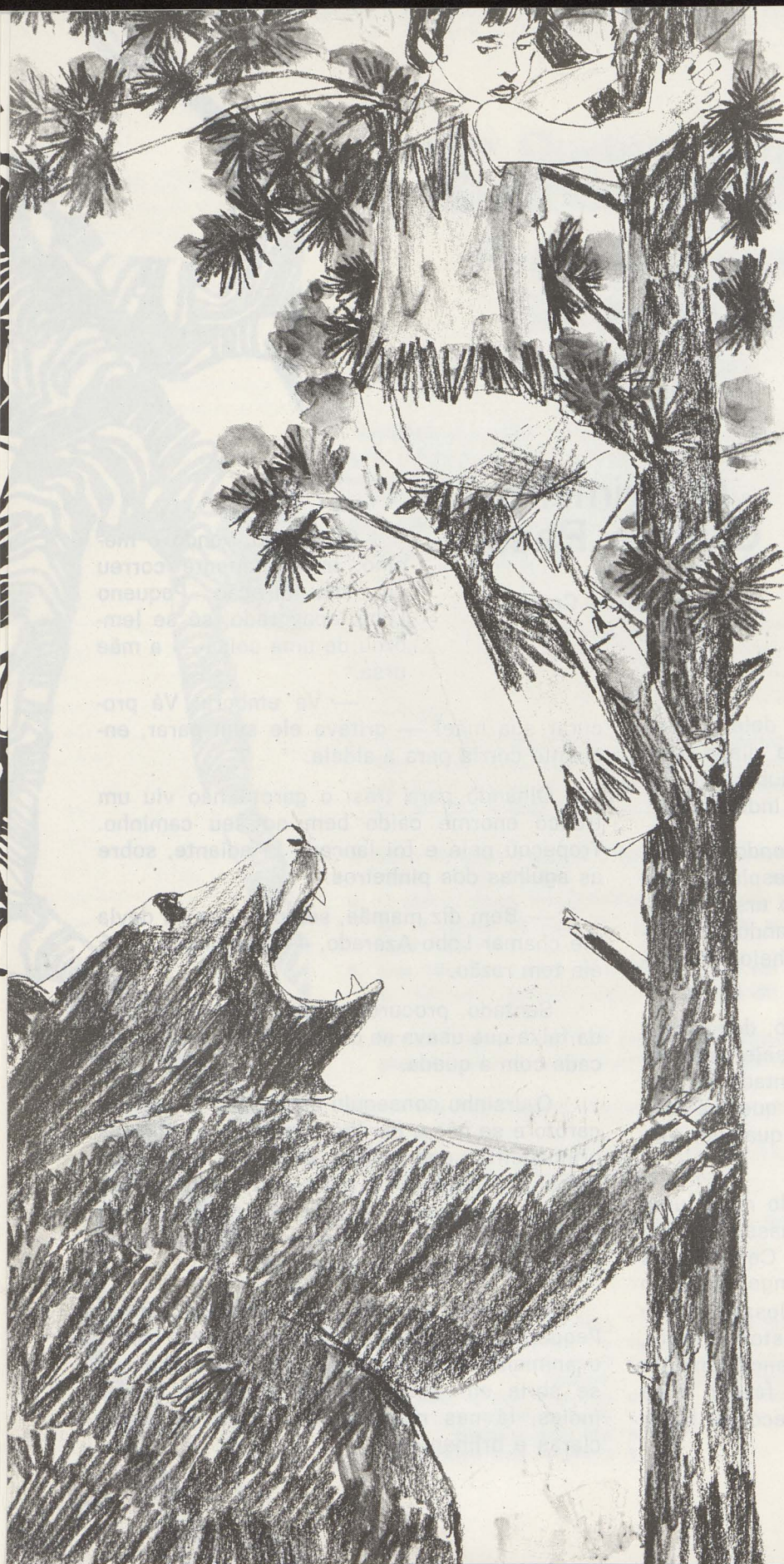
Olhando para trás, o garoto não viu um tronco enorme caído bem no seu caminho. Tropeçou nele e foi lançado lá adiante, sobre as agulhas dos pinheiros.

— Bem diz mamãe, sempre, que eu devia me chamar Lobo Azarado, — resmungou. — E ela tem razão.

Sentado, procurou ajeitar a pena partida, da faixa que usava na cabeça, e que fora arrancada com a queda.

O ursinho conseguiu alcançar o assustado garoto e se pôs a dar-lhe patadas e a unhar de brincadeira, seus joelhos erguidos; depois começou a lamber-lhe o peito esfregando o focinho em seu queixo. O que não pensariam os bravos guerreiros se vissem o filho do chefe sendo beijado por um urso?!

Passando por cima dos troncos caídos, Pequeno Lobo lançou algumas varetas contra o animalzinho e disparou para a clareira que se abria em torno de um grupo de tendas índias, lá nas margens do riacho de águas claras e brilhantes.



Ninguém achou graça ao ver o garotinho sujo e exausto perseguido de perto por um filhote de urso. Todos temiam que logo atrás viesse uma ursa enraivecida. As mães levaram, depressa, as crianças menores para dentro das tendas. Vários guerreiros armaram seus arcos e ficaram de prontidão.

"Eu devia ter corrido para o outro lado, longe da aldeia", desejou Pequeno Lobo. Agora todos estavam em perigo por causa dele! Parecia-lhe fazer sempre as coisas erradas. Será que um dia chegaria a ser um bravo? De repente, agarrou o ursinho e, ignorando os gritos de sua mãe, voltou, correndo a toda, para a mata. "Se eu conseguir achar a mãe ursa, penso, posso devolver o filhote, e assim toda a aldeia estará salva."

— Ser pequeno até que tem suas vantagens, — resmungou de si para si, começando a cansar-se. O ursinho era pesado e teimava em voltar a cabeça para lamber o queixo do menino, como se estivessem brincando! Chegando perto dos arbustos de amora silvestre, o

garoto diminuiu o passo cuidadosamente. Pondo o ursinho no chão, empurrou-o para junto de um ramo repleto de bagas vermelhas. Suspirou aliviado quando o animalzinho se pôs a comer com grunhidos de alegria. Agora podia se afastar de rastros.

Um grunhido alto, raivoso, do lado oposto dos arbustos fez Pequeno Lobo enrijecer-se em pânico subito. Felizmente estava perto de uma árvore bem alta. Não havia galhos baixos onde se agarrar, mas subir em árvores era uma das especialidades de Pequeno Lobo. Firmando seus braços e pernas em torno do tronco esguio, ele foi subindo e alcançou a espessa folhagem justamente quando aparecia a urso com outro filhote.

Ela rodeou o ursinho fungando desconfiada. Os olhos diziam-lhe que era seu filhote, o faro porém avisava que havia algo de errado com ele. O ursinho cheirava a homem.

Pequeno Lobo observava assustado, sem fôlego, o coração batendo na garganta. Se a urso o farejasse e procurasse subir na delgada árvore, ela se partiria com o peso ou então vergaria até os galhos baterem no chão. Neste caso só lhe restaria pular e sair correndo. Ele já vira ursos correrem, e sabia que teria pouca chance de se safar. Apesar do andar desajeitado, os ursos correm como o vento!

O pai lhe ensinara que o único meio de escapar de um urso que corre é correr morro abaixo. Por causa de suas pernas dianteiras mais curtas, eles têm que diminuir a velocidade para não perderem o equilíbrio e rolarem pela encosta.

O filhote continuava tentando aproximar-se da mãe, mas era repelido por seus grunhidos irados. Desconcertado, ficou imóvel olhando para ela enquanto o rodeava desconfiada farejando o chão. "Ó, não!" arquejava Pequeno Lobo quando ela se dirigiu direto para a árvore onde ele se escondera. Erguendo-se sobre as patas traseiras, ela balançava a pesada cabeça de um lado para outro, grunhindo zangada.

Pequeno Lobo sentiu-se mal ao olhar para aquela bocarra escancarada esperando por ele lá embaixo, enquanto se agarrava aos galhos balouçantes. Vendo que não conseguia derrubá-lo, a ursa se pôs a golpear o tronco com as garras, fazendo voar pedaços de casca para todos os lados. O menino sabia que assim que percebesse que não conseguiria derrubar a árvore, a ursa começaria a subir pelo tronco.

Pequeno Lobo nunca ouvira um som mais bem-vindo que o tantã dos tambores e os gritos dos guerreiros que corriam pela mata à sua procura, liderados por seu pai, o Chefe Otoe. Eles vinham salvá-lo!

A preocupação pelos filhotes sobrepujou o furor da ursa. Voltando-se, ela saiu gingando, levando-os para longe dos gritos.

— Você queria sacrificar-se pela tribo, — falou o Chefe Otoe ao filho enquanto voltavam para a aldeia. — Foi muito corajoso de sua parte, Lobo Cinzento.

Pequeno Lobo sentiu-se corar de orgulho. O pai chamara-o de Lobo Cinzento, não Pequeno Lobo. Era o primeiro grande passo para ele tornar-se um homem!

Não Temas

Lá fora rugia a tempestade e na cabana, o único som que se ouvia era a voz do pai explicando por que havia dado trigo àqueles que vieram pedir. Havia muitos doentes na pequena comunidade, e o melhor remédio parecia ser uma papa de água e farinha de trigo.

Pacientemente, o pai lembrava às crianças que haviam sido particularmente abençoadas, pois nenhuma delas fora atingida pela estranha "doença de inverno". Apesar das péssimas colheitas naquele outono, ele conseguira trigo em troca dos carroções que fizera para os vizinhos ou para os pioneiros, de passagem por Fillmore a caminho da costa oeste. Naquena mesma manhã a mãe pedira:

— Por favor, pai, não dê mais farinha de trigo. Só nos resta o suficiente para fazer um pouco de pão para nossos próprios filhos.

Antes que o pai pudesse responder, ouviu-se uma batida na porta. Era um vizinho que dizia precisar de

um pouco de trigo para sua esposa doente.

Até mesmo a menor das crianças sentiu-se tocada pelo olhar de gratidão do vizinho quando o pai, enchendo uma tigela de trigo, entregou-lha dizendo:

— "Não temas, o Senhor proverá".

Poucos minutos depois ouviu-se outra batida e quando o pai abriu a porta, entrou um moço apressadamente. A família sabia que o pai não poderia recusar quando o moço pediu:

— Ouça, Irmão Carling, meu filhinho está morrendo! Eu preciso de um pouco de trigo.

Assim que o moço saiu, a mãe começou a chorar. Pondo carinhosamente o braço em torno de seus ombros, o pai sugeriu que todos se ajoelhassem com ele para orar. Uma sensação de paz e esperança encheu a pequena cabana quando o pai exprimiu sua gratidão pela saúde, calor e segurança que gozavam naquele dia frio de novembro. Depois pediu que, de alguma forma, encontrassem um meio de arranjar mantimentos, principalmente farinha de trigo.

Terminada a oração, o pai sugeriu que a mãe tentasse juntar no fundo da caixa um pouco de farinha suficiente para fazer um pouco de mingau. Para sua surpresa, ela conseguiu o bastante e ainda sobrou.

Enquanto a família comia, outra pessoa bateu à porta. O homem que batera explicou que necessitava dos serviços de um bom fabricante de carroças e fora informado de que o pai era a pessoa que procurava.

— Tenho aqui vinte toneladas de trigo, — disse. — Estava pensando em trocá-la por carroções!



As Orações de Nossos Amigos



Ilustrado por Ronald Crosby

A Oração Familiar

Enquanto ajudava as irmãs mais velhas no preparo do jantar Cristina, a toda hora parava para olhar pela janela. Não era tanto a chuva forte que a preocupava. As meninas esperavam ansiosas pela volta do pai com as notícias da mãe que fora levar o bebê para o hospital, a centenas de quilômetros, para uma operação.

O jantar já estava pronto quando o pai finalmente chegou. Entretanto, antes de irem para a mesa, ele sugeriu que fizessem uma oração, ajoelhados, pedindo a bênção para o alimento e uma bênção especial de saúde e proteção para todos os familiares.

O temporal parecia piorar a cada minuto que passava. Enquanto as meninas lavavam a louça, um paciente do pai telefonou, pedindo aten-

O Canto de Pedrinho

Pedrinho examinava com os olhos, aquele estranho quarto de hospital. Era a primeira noite que passaria longe dos pais e sentia medo embora as enfermeiras lhe tivessem prometido que olhariam por ele. O médico também se mostrara muito gentil, explicando-lhe o que ia acontecer durante sua operação no dia seguinte.

Era um hospital enorme, mas mesmo assim estava superlotado. Por isso tiveram que internar Pedrinho num pequeno quarto, nos fundos da enfermaria dos homens. Era assustador para ele, ver todos aqueles homens doentes. Puxou as cobertas até o queixo e começou a orar para não se sentir tão sozinho e amedrontado.

Depois de orar, lembrou-se de repente de um hino que costumava cantar com seus amiguinhos na Escola Dominical e que diz assim: "Eu sei que Jesus me ama..."

Pedrinho sempre gostara desse hino, mas naquela noite a letra parecia ter um sentido todo especial para ele. A princípio cantou bem baixinho, porém, sem perceber sua voz foi-se elevando.

Uma das enfermeiras, passando pela porta, escutou uma voz clara de criança elevar-se durante o coro de um hino conhecido. A doce voz de Pedrinho podia ser ouvida por toda a ala da enfermaria dos homens.

Os doentes pararam de conversar. Desligaram seus rádios. Ficaram ouvindo em silêncio, alguns com lágrima



mas correndo pelas faces ao ouvir, na voz do menino, confortadora e segura: "Jesus me ama..."

Quando acabou de cantar, Pedrinho virou-se de lado, aconchegou-se entre os cobertores e adormeceu imediatamente. A prece cantada deram-lhe o conforto necessário.

Já não tinha medo nem estava só.

maior
mais vestimenta de emergência pois estava com dor de dente.

Cristina pediu para acompanhar o pai ao consultório e os dois correram debaixo de chuva pesada para o carro e partiram.



Terminado o tratamento do paciente, ainda chovia. Justamente quando o pai fazia uma curva para sair da auto-estrada, alguém lá do alto do barranco tocou a busina desesperadamente, mas o aviso veio tarde demais!

O carro foi atingido em cheio, pelas águas da enchente que o viraram. O pai conseguiu descer o vidro e empurrar Cristina através da janela de modo que dois rapazes pudessem agarrá-la e levá-la em segurança; mas ele próprio não conseguiu sair enquanto o carro era arrastado pela correnteza.

Depois sentiu-se lançado fora do carro. A última coisa que ouviu antes de ser sugado por um longo e escuro tunel de drenagem, foram os gritos de Cristina: "Papai! Papai!",

enquanto lutava por livrar-se dos braços que a seguravam. Arquejando por falta de ar, ele ia sendo arrastado pelo tunel, ao fim do qual fortes braços o tiraram das águas turbulentas.

Depois de longos minutos de angústia, Cristina e o pai estavam novamente juntos, sujos e machucados mas milagrosamente vivos. Sentindo-se segura entre os braços do pai, Cristina suspirou aliviada.

— Nossa oração especial foi, sem dúvida, respondida bem depressa, não é? — perguntou o pai.

Cristina levantou os olhos para ele e sorriu. Não conseguia encontrar palavras para exprimir seus sentimentos de amor e gratidão, por isso apenas balançou a cabeça de pleno acordo.

Dois Lagos Salgados

Nancy M. Armstrong

Ilustrado por Dick Brown

Nos escritos a respeito da vida de Jesus, o Mar da Galiléia é muitas vezes mencionado. Este lago de água doce tem 22 quilômetros de comprimento por 13 de largura no ponto mais largo, e é muito piscoso. Nas colinas que o margeiam, Jesus realizou o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. Foi ali que acalmou uma forte tempestade e andou sobre as águas.

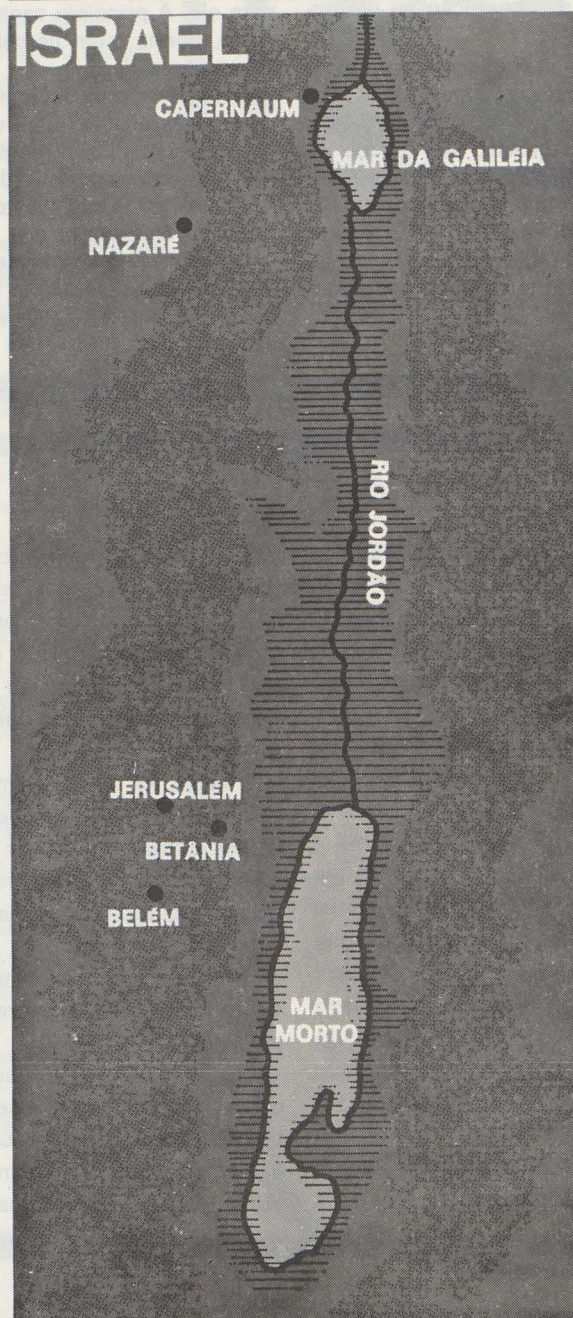
Do Mar da Galiléia até o ponto em que o Rio Jordão desagua no Mar Morto vão apenas uns 104 quilômetros; mas o rio com suas muitas curvas e voltas, faz um caminho de 193 quilômetros pelo vale antes de chegar ao Mar Morto.

A cidadezinha de Belém, onde Jesus nasceu, fica a uns 22 quilômetros a oeste do Mar Morto onde não existe vida alguma. Suas águas são seis vezes mais salgadas que as do oceano porque não têm saída.

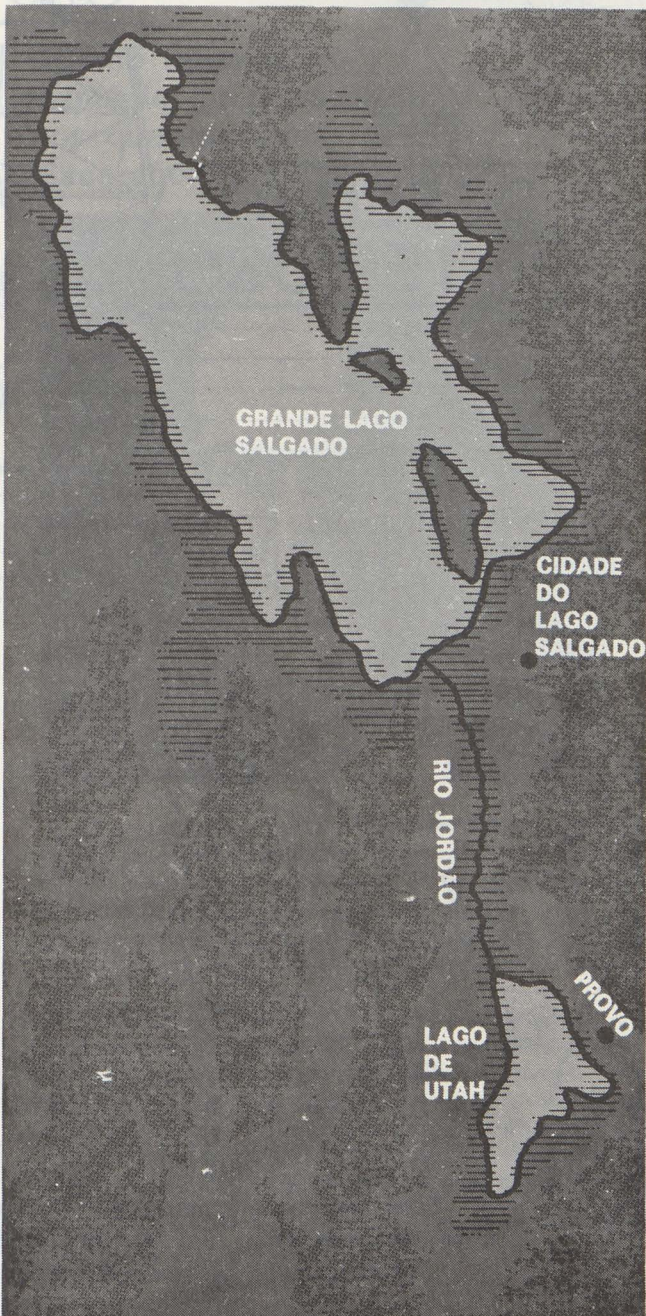
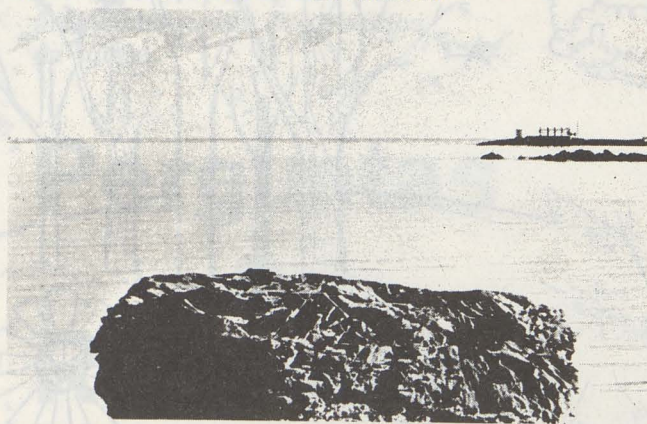
Perto da Cidade do Lago Salgado, Utah, existe uma formação geológica semelhante a essa da Terra Santa. O Lago de Utah, grande extensão de água doce, fica num vale quase que totalmente rodeado de montanhas. Mede 40 x 13 quilômetros — a mesma largura do Mar da Galiléia e, como este, tem muitos peixes.

O Grande Lago Salgado é bem maior que o Mar Morto, sendo uma das maravilhas da natureza. Tem 120 quilômetros de comprimento, por 80 de largura em alguns pontos, en-

Mar da Galiléia, Foto de O. Preston Robinson



Grande Lago Salgado, Foto de Eldon Linschoten



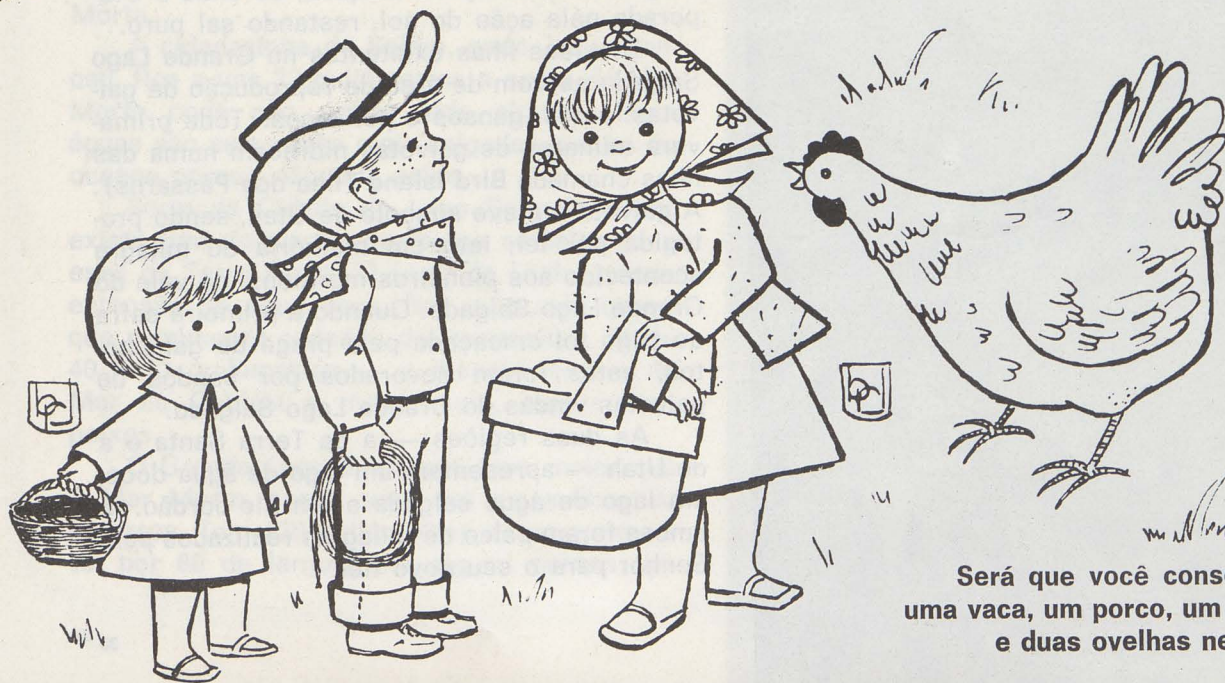
quanto o Mar Morto mede apenas 77 quilômetros de comprimento por pouco mais de 14 de largura.

Um outro Jordão, denominado segundo o rio da Terra Santa, nasce ao norte do Lago de Utah e após um curso de 48 quilômetros, vai desaguar no Grande Lago Salgado.

O Grande Lago Salgado é alimentado por outros cursos de água doce além do Rio Jordão, porém ainda assim é de quatro a sete vezes mais salgado que o oceano. A taxa de sal varia conforme as águas sobem ou descem, com a mudança das estações. Dele são extraídas anualmente cerca de duzentas mil toneladas de sal. A água salgada é bombeada por longos condutos para tanques, de onde é evaporada pela ação do sol, restando sal puro.

Diversas ilhas existentes no Grande Lago Salgado servem de área de reprodução de gaivotas, patos, gansos e pelicanos. Toda primavera milhares de gaivotas nidificam numa das ilhas chamada **Bird Island** (Ilha dos Pássaros). A gaivota é a ave símbolo de Utah, sendo protegida por lei, isto em memória do milagre acontecido aos pioneiros mórmons, no vale do Grande Lago Salgado. Quando a primeira safra de trigo foi ameaçada pela praga de gafanhotos, estes foram devorados por bandos de gaivotas vindas do Grande Lago Salgado.

As duas regiões — a da Terra Santa e a de Utah — apresentam um lago de água doce, um lago de água salgada e um Rio Jordão. E ambas foram palco de milagres realizados pelo Senhor para o seu povo fiel.



Será que você consegue encontrar
uma vaca, um porco, um burrico, um pato
e duas ovelhas neste quadro?

As respostas visam esclarecer e dar perspectiva; não são pronunciamentos doutrinários da Igreja.

Perguntas e Respostas

“Como funciona o princípio da presidência nos quoruns do Sacerdócio Aarônico?”



Recentemente, numa reunião de jejum e testemunho, um presidente do quorum de diáconos prestou seu testemunho do púlpito. Olhando lá de cima para os companheiros de quorum, todos sentados no primeiro banco, sentiu-se dominado pela idéia de ser responsável por todo diácono da ala, e exclamou:

— Mas, simplesmente não posso acreditar que todos vocês são realmente “meus”, minha mordomia!

Esse excelente jovem presidente de Quorum, dava-se conta de que fora chamado pelo Senhor através do bispo, para dirigir os membros de seu quorum, de que tinha a responsabilidade de representar o Senhor e providenciar que a vontade do Senhor fosse cumprida pelo

quorum. Estava começando a entender o que o Senhor quis dizer ao declarar:

“E novamente, na verdade nos digo, o dever do presidente dos diáconos é presidir doze diáconos, e de acordo com o que é dado nos convênios, assentar-se em conselho com eles, ensinar-lhes os seus deveres, edificando-se uns aos outros.” (D&C 107:85)

Nesta revelação, existem três termos que todo presidente de quorum precisa entender e aplicar no cumprimento da sua mordomia:

1. **Presidir.** Quer dizer supervisionar, dirigir, guiar ou controlar. O presidente do quorum possui as chaves para guiar o seu quorum de modo que os membros possam cumprir seus deveres no Sacerdócio. Não só o supervisor do quorum mas ele também tem direito a revelação para a direção do quorum, e quando ele não utiliza essas chaves, o quorum é privado das bênçãos especiais que só poderão advir por meio de seu presidente.

2. **Assentar-se em conselho com eles.** Isto exige que o presidente do quorum demonstre amoroso cuidado com cada membro do quorum, que seja amigo de todos e sensível às necessidades individuais e do grupo, dirigindo, encorajando e aconselhando-os a serem fiéis a seus chamados, levando uma vida pura e honrando seu Sacerdócio. O presidente do quorum deve compreender que o Senhor colocou os membros do mesmo sob sua liderança e espera que ele assente em conselho com eles sempre que precisarem da sua ajuda e orientação.

3. **Ensinar-lhes os seus deveres.** Esta é uma responsabilidade muito grande, um verdadeiro desafio, para um presidente de quorum que tem a mesma idade dos seus membros. Nunca devemos esquecer porém, que o Senhor determinou que cada portador do Sacerdócio Aarônico deve receber instruções do presidente do quorum quanto a seus deveres no Sacerdócio. O fato de que outros, como por exemplo o supervisor, também devam ensinar esses deveres, não exime o presidente de sua responsabilidade.

É interessante notar que o Senhor deu as mesmas instruções aos presidentes de quorum de mestres e sacerdotes — e aos presidentes de quorum de élderes, o que mostra quanta importância ele dá a tal conselho.

Todo presidente de quorum do Sacerdócio Aarônico deve lembrar-se de que atua sob a direção do bispo, que é o presidente do Sacerdócio Aarônico da ala, e também presidente do quorum de sacerdotes. Sob esse aspecto, o quorum de sacerdotes tem uma liderança única. Sendo o bispo o presidente desse quorum, um sacerdote não poderá presidir uma reunião do mesmo. Ele pode dirigir a reunião, mas o direito e responsabilidade de presidir sobre os sacerdotes cabe unicamente ao bispo, que não está autorizado a delegá-los a terceiros. Ele escolhe um sacerdote como líder do grupo para ajudá-lo na liderança do seu quorum. Esse jovem desempenha um papel vital nos programas da juventude da ala, servindo como encarregado do comitê da juventude do bispado e dirigindo a programação de atividades da AMM do Sacerdócio Aarônico.

Os presidentes do quorum têm conselheiros para ajudá-los. Um presidente sábio utilizará seus conselheiros com eficiência, aconselhando-se com eles e

permitindo-lhes arcar de fato com a sua parte na presidência. Reunir-se-á regularmente com eles para planejar, organizar e avaliar seu desempenho. Permitirá que os conselheiros se revezem com ele na direção das reuniões do quorum, e os levará junto quando visita os membros do quorum. A presidência deve trabalhar como equipe, dando exemplo ao quorum e fornecendo uma liderança unida. É importante que o presidente do quorum aprenda como utilizar seus conselheiros e que estes aprendam como valer-se de seu presidente.

Vocês, que foram chamados como presidentes de quorum, têm a oportunidade única de descobrir as grandes bênçãos provenientes do serviço aos seus semelhantes e de se preparar para futuras responsabilidades maiores. Verão que na liderança não há lugar para egoísmo. Compreenderão que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é amor aplicado de forma organizada. Ao cumprirem suas responsabilidades aprenderão a amar e cuidar de outros.

Um dedicado presidente de quorum contou que até mesmo suas orações haviam mudado. Viu-se orando pelos membros de seu quorum em vez de orar por seus próprios interesses egoísticos.

E, importando-se realmente, vocês procurarão meios de serem bem sucedidos em seu chamado, buscando auxílio de líderes adultos, e dos seus conselheiros, estudando as Escrituras e outros livros bons e orando e jejuando. Descobrirão que todo líder na Igreja de Jesus

Cristo dos Santos dos Últimos Dias tem um rebanho a guiar e, ao mesmo tempo, um líder a quem deve prestar contas — até mesmo o profeta. O bom presidente de quorum apoia e segue os seus líderes, exatamente como espera ser seguido pelo quorum. Também dará ao seu "rebanho" oportunidade de progresso, delegando-lhes responsabilidades, a fim de que possam desenvolver qualidades de liderança e compartilhar das bênçãos da participação.

Lembrem-se, acima de tudo, de que foram chamados pelo Senhor, por intermédio dos seus servos. Ele prometeu a todos os que ocupam cargos de liderança no seu reino que, desde que o líder se esforce ao máximo para cumprir sua designação, o Senhor aumentará sua capacidade de servir, de vencer suas fraquezas, e de fortalecer seu testemunho e abençoará a vida dos que são chamados a liderar. Sigam o exemplo de Néfi que, com fé inabalável, respondeu ao chamado do Senhor para executar uma tarefa difícil, com estas palavras:

"...Eu irei e cumprirei as ordens do Senhor, pois sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas". (1 Néfi 3:7)

Robert Backman

Presidente da AMMR do Sac. Aarônico.

Discurso proferido na sessão vespertina de sábado, 6 de abril de 1974, da Conferência Geral.

Discurso proferido na sessão vespertina de sábado, 6 de abril de 1974, na Conferência Geral.

Deus Preordena Seus Profetas e Seu Povo

**O Senhor preparou aqueles
que hoje são chamados para
guiar o seu povo.**

Elder Bruce R. McConkie

Do Conselho dos Doze

Creio que **Spencer W. Kimball** foi preordenado para ser presidente da Igreja de Jesus

Cristo dos Santos dos Últimos Dias; para ser profeta, vidente e revelador do povo do Senhor; e para ser o



porta-voz de Deus na terra, nos tempos que estão por vir.

Sei que ele foi chamado, escolhido e ordenado para o seu ministério pelo espírito de profecia e revelação, e que esteve presente quando o Espírito do Senhor testificou a cada membro do Conselho dos Doze que era intento e vontade daquele cujas testemunhas nós somos e a quem servimos, colocar o Presidente Kimball na liderança do seu povo.

Foi como se o Senhor tivesse dito

com sua própria voz: "Meu servo, o Presidente Harold B. Lee foi "fiel e verdadeiro em todas as coisas" (D&C 124:13) que lhe ordenei fazer; seu ministério entre vós está terminado; e eu o chamei para outros trabalhos maiores na minha vinha eterna. E eu, o Senhor, agora chamo meu servo Presidente Spencer W. Kimball para guiar meu povo e continuar a obra de prepará-lo para aquele grande dia em que virei reinar pessoalmente na terra. E agora digo dele o que disse do meu servo Joseph Smith: "... deveréis atender a todas as suas palavras e aos mandamentos que ele vos dará conforme os receber, andando em toda santidade diante de Mim;

"Pois suas palavras recebereis como de Minha própria boca, em toda paciência e fé.

"Pois assim diz o Senhor Deus: Eu o inspirei para promover a causa de Sião com grande poder e para o bem, e a sua diligência Eu conheço, e suas orações ouvi." (D&C 21:4,5,7)

Parece fácil acreditar nos profetas que já se foram e supor que cremos e seguimos os conselhos dados a outros povos e em circunstâncias diferentes. Mas a grande prova com que nos defrontamos, como aconteceu em todas as épocas em que houve um povo do Senhor na terra, é se vamos dar atenção às palavras de seus oráculos vivos e seguir seus conselhos e direção, de acordo com nosso tempo e época.

"Somos filhos de Abraão, diziam os judeus a Jeová;

Seguiremos nosso Pai, herdando seu tesouro.

Mas de Jesus, nosso Senhor, veio a censura aguilhoante:

Filhos sois dele, a quem vos apraz obedecer.

Fôsseis filhos de Abraão, e seu caminho seguiríeis,

Escapando aos grilhões do pai da ira.

"Temos Moisés, o vidente, e os profetas antigos;

Seus ditos, todos como ouro e prata guardaremos.

Mas de Jesus, nosso Senhor, veio a sensata voz:

Se para Moisés vos voltais, a suas palavras atentai:

Só assim podereis esperar recompensas de grande valor.

Pois ele anunciou minha vinda e meus trabalhos na terra.

"Temos Pedro e temos Paulo, para em seus passos andar;

Dizem muitos dos devotos ao adorar o seu Deus.

Mas também diz aquele, Senhor dos vivos mortos:

Nas mãos dos profetas, videntes e mestres,

Que vivem agora, as chaves eu dei;

Para eles voltai-vos agora, se ao Pai quereis agradecer.

— Bruce R. McConkie*

Assim, é meu desejo expor claramente o fato de que esses humildes homens que presidem a igreja e o reino de Deus aqui na terra, em nossos dias, são idênticos aos profetas e apóstolos antigos, e são os eleitos por Deus para dirigir seu reino aqui na Terra, nestes últimos dias. Aqueles de nós que quase diariamente se assentam aos pés dos presidentes Spencer W. Kimball, N. Eldon Tanner e Marion G. Romney, sentem-se maravilhados com a sabe-

doria e bom senso de suas decisões, reconhecendo-os como pregadores da virtude, de estatura igual à de Pedro, Tiago e João, que constituíram a Primeira Presidência da igreja em seus dias.

Devo dizer que esses irmãos não foram chamados ao acaso, para dirigir a obra do Senhor na terra. Foi obra dele. Ele conhece o princípio e o fim. Ordenou e estabeleceu o plano de salvação, decretando que seu Evangelho eterno fosse revelado ao homem numa série de dispensações a começar por Adão e terminando com Joseph Smith. E ele — o Todo-Poderoso — elege os profetas e apóstolos que devem ministrar em seu nome e apresentar sua mensagem ao mundo em cada era e dispensação. Ele escolhe e preordena seus ministros; envia-os à terra no tempo antes determinado; guia e dirige sua contínua preparação mortal; e depois os chama para as posições que lhes foram designadas antes da fundação do mundo.

Permito-me tomar o Presidente Spencer W. Kimball como exemplo e modelo de alguém que foi preparado, preordenado e chamado para liderar o povo do Senhor. Ele nasceu, na verdade, num lar onde habitava a fé. Assim como Jacó, que herdou qualidades espirituais de Isaaque e Abraão, ele também é dotado, por herança natural, com os talentos e qualidades que o prepararam para sua atual posição de presidência entre os apóstolos.

Porém, é preciso mais que o nascimento mortal, mais que a preparação mortal. Ele nasceu num lar de fé por uma razão, e não foi apenas esta vida que o preparou como um

Deus Preordena Seus Profetas e Seu Povo.

ministro de luz e verdade e salvação, para seus semelhantes mortais. O fato é que ele é um filho espiritual de Deus que foi chamado, escolhido e preordenado antes de serem lançados os fundamentos da terra, e agora está cumprindo o destino a ele designado desde a preexistência, e que lhe foi prometido, em nossa presença, quando com ele nos sentamos no grande conselho presidido pelo próprio Deus.

Diz Joseph Smith: "Todo homem que recebe um chamado para exercer seu ministério em favor dos habitantes do mundo, foi ordenado precisamente para esse propósito no grande conselho dos céus, antes que o mundo existisse." Depois, falando de si mesmo: "Suponho que este ofício me tenha sido conferido naquele grande conselho." (**Ensinamentos do Profeta Joseph Smith**, p. 357) O Presidente Kimball usa agora o manto de Joseph Smith e foi participante da mesma lei de preordenação.

Abraão, nosso pai, também presente naquele conselho, teve o privilégio de contemplar em visão as hostes de espíritos preexistentes. "Entre todas estas [inteligências]" diz ele, "havia muitas nobres e grandes" que ele descreve como sendo "boas". (Abr. 3:22) Abraão viu Deus, o Pai Eterno, "no meio" daqueles nobres e grandes, dizendo: "A estes farei meus governantes; ... e disse-me: Abraão tu és um deles; foste escolhido antes de nasceres." (Abr. 3:22,23)

E o que se deu com Abraão, deu-se igualmente com todos os profetas, e na verdade, de uma forma ou de outra, com toda a casa de Israel e com todos os membros da igreja do Senhor na terra — todos são parti-

cipantes das bênçãos da preordenação.

Disse o Senhor a Jeremias: "Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saisses da madre te santifiquei; às nações te dei por profeta." (Jer. 1:5)

Todos os que recebem o Sacerdócio de Melquisedeque nesta vida foram, segundo diz Alma, "chamados e preparados desde a fundação do mundo, segundo a presciência de Deus," porque estavam entre os nobres e grandes na esfera pré-mortal. (Alma 13:3)

E Paulo afirma que, através desta lei de preordenação, que ele chama de doutrina da eleição, toda a casa de Israel obteve "a adoção de filhos, e a glória, e os concertos, e a lei, e o culto e as promessas". (Rom. 9-4). Diz ele que os membros fiéis da Igreja, aqueles que "amam a Deus" e "são chamados por seu decreto", são preordenados a "serem conformes à imagem de seu Filho," a fim de serem "co-herdeiros de Cristo" e terem vida eterna no reino de nosso Pai. (Rom. 8:17, 28-29)

Fala também dos membros da Igreja, que Deus "nos elegeu antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade", e que fomos preordenados a nos tornarmos filhos de Jesus Cristo por adoção, ganhando assim "a remissão das ofensas" nesta vida e uma herança de glória eterna na vida vindoura. (Efésios 1:4,7)

Nossas revelações, antigas e modernas, estão plenas de pronunciamentos referentes à lei da preordenação, tanto no que se refere ao chamamento de determinados indi-

víduos, de acordo com a presciência de Deus, para trabalhos específicos na mortalidade, como às bênçãos prometidas às hostes de almas valentes que nascem na linhagem de Israel e escutam a voz do Bom Pastor e entram para o seu rebanho na terra.

O próprio Cristo é o grande protótipo de todos os profetas preordenados. Foi escolhido nos conselhos eternos para ser o Salvador e Redentor. Pedro referia-se a ele como "um cordeiro imaculado e incontaminado; o qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido", ainda antes da criação do mundo" (I Pedro 1:19-20) como aquele que viria no meridiano dos tempos (D&C 20:26) para pagar a expiação infinita e eterna. Durante quatro mil anos todos os profetas testificaram sua vinda e proclamaram sua bondade e graça.

Maria, a mãe de nosso Salvador "segundo a carne" (I Néfi 11:18); Moisés, o maior de todos os profetas de Israel; João, o Revelador, cuja missão foi receber as visões do fim do mundo; e Joseph Smith, o profeta e vidente da restauração, foram todos designados nominalmente centenas ou milhares de anos antes de seu ministério mortal, porque sua obra era conhecida e sabida de antemão.

A obra a ser realizada por João Batista, pelos antigos Doze e por Colombo já era toda conhecida e foi providenciada com antecedência. E tudo isto são apenas exemplos e modelos, pois que toda a obra do Senhor é planejada e preparada de antemão, e aqueles que são chamados e escolhidos para executá-la recebem dele seu chamado e ordenação, primeiro na preexistência e de-

pois, se permanecerem verdadeiros e fiéis, novamente aqui na mortalidade.

O que dizer então do nosso presidente, o homem escolhido pelo Senhor para representá-lo e presidir o seu reino nos dias vindouros? Na verdade, ele é mais que o fruto de pais fiéis. É, de fato, um filho de Deus, um fruto espiritual do Onipotente. Ele habitou com o Pai Eterno, contemplou a sua face, ouviu sua voz, e o mais importante de tudo, acreditou na sua palavra e guardou sua lei.

Pela obediência, pela conformidade, pela retidão pessoal, por ter decidido seguir o caminho do Filho Escolhido e Amado, Spencer W. Kimball foi grande e nobre na preexistência. Acima de todas as outras qualidades, ele desenvolveu o dom da espiritualidade — o dom de crer e aceitar a verdade, o dom de desejar a retidão.

Ele conheceu e adorou o Senhor Jeová, que era "semelhante a Deus". (Abraão 3:24) Foi amigo de Adão e Enoque. Aceitou conselho de Noé e Abraão. Esteve em reuniões com Isaías e Néfi. Serviu no reino celestial com Joseph Smith e Brigham Young.

A preexistência não é um lugar remoto e misterioso. Passaram-se poucos anos desde que fomos afastados da Presença Eterna, daquele de quem somos filhos e em cuja casa habitamos. Apenas um leve céu nos separa a todos, dos amigos e companheiros com que estivemos a serviço do Senhor antes que nossos espíritos eternos viessem habitar em tabernáculos de barro.

É verdade, que uma cortina foi

fechada para que não nos lembrássemos da nossa vida ali. Mas sabemos que nosso Pai Eterno possui todo o poder, toda a força, todo o domínio e toda a verdade, e que vive numa unidade familiar. Sabemos que somos seus filhos, criados à sua imagem, dotados do poder e capacidade de nos tornarmos iguais a ele. Sabemos que nos deu liberdade de ação e ordenou as leis por cuja obediência podemos alcançar a vida eterna. Sabemos que tínhamos lá amigos e companheiros. Sabemos que fomos instruídos, treinados e ensinados no mais perfeito sistema educacional jamais projetado, e que pela obediência às suas leis eternas desenvolvemos ao infinito nossos talentos, tanto em variedade quanto em graus.

Daí se origina a doutrina da preordenação. Quando chegamos à mortalidade, trazemos conosco os talentos, capacidade e habilidades adquiridos pela obediência à lei, em nossa existência anterior. Mozart** compôs e publicou sonatas quando tinha apenas oito anos de idade, por ter nascido com talento musical. Melquisedeque veio a este mundo com tamanha fé e capacidade espiritual que "quando criança ele temia a Deus, e tapava a boca de leões e continha a violência do fogo". (Gên. 14:26. Versão Inspirada) Caim, por outro lado, desde o princípio era um mentiroso como Lúcifer, sendo-lhe dito nesta vida: "... serás chamado Perdição, porque tu existias também, antes do mundo". (Moisés 5:24)

Bem, essa é a doutrina da preordenação, a doutrina da eleição. É a razão de o Senhor ter escolhido e favorecido como um povo peculiar na

terra; essa é a razão de ele dizer: "As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem;

"E dou-lhes a vida eterna..." (João 10:27-28)

O conhecimento dessas verdades maravilhosas impõe-nos maior responsabilidade do que a de qualquer outro povo, de seguir a Cristo — de tomarmos sobre nós o seu jugo, de guardar seus mandamentos, de fazer todas as coisas que são do seu agrado. E se o amarmos e servirmos, atentaremos para as palavras dos apóstolos e profetas que ele envia para que revelem e ensinem a sua palavra entre nós.

A maior necessidade do mundo de hoje não é a de um profeta mandado pelo Senhor para revelar seu intento e vontade. Isso ele já fez; nós temos um profeta; somos guiados por muitos homens que têm o espírito de inspiração. A grande necessidade atual é que os homens tenham um ouvido atento e sigam as palavras que vêm dos lábios dos profetas.

Deus seja louvado por existir um profeta em Israel!

Deus permita que tenhamos um ouvido atento e sigamos a voz do seu profeta!

Graças sejam dadas a Deus por ter derramado sobre nós o seu Espírito, dando-nos a conhecer a verdade e divindade da grande obra dos últimos dias, cuja autenticidade eterna eu testifico em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

* A versão inglesa do Rei Tiago diz "preordenado". N. da T.

** Wolfgang A. Mozart (1756-1791) — Compositor austriaco.

Discurso proferido na sessão vespertina de sábado, 6 de abril de 1974.

O Povo Diz "Amém"

O Presidente Kimball é o atual porta-voz do Senhor

Élder Mark E. Petersen

Do Conselho dos Doze



Durante esta conferência, empossamos formalmente um novo presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Foi um acontecimento momentoso.

Isto deu-se somente doze vezes em cento e quarenta e quatro anos. Na assembléia solene realizada hoje de manhã no Tabernáculo, o Presidente Spencer W. Kimball foi aceito, pelo voto do povo, como presidente

da Igreja, mas também como profeta, vidente e revelador do Senhor.

A votação foi unânime; também esteve presente a confirmação positiva e afirmativa do Santo Espírito. Cada pessoa, no grande Tabernáculo, sentiu a presença dessa divina influência. Ela foi sentida igualmente pelos que ouviam pelo rádio ou testemunharam os acontecimentos pela televisão. E como foi nos dias de Moisés, "todo o povo... diz: Amém." (Deut. 27:26)

E que homem maravilhoso foi escolhido. Tendo dirigido o Conselho dos Doze por vários anos, e servido como presidente interino da Igreja por indicação do Conselho dos Doze no período compreendido desde a morte do Presidente Harold B. Lee até à presente conferência, é agora apoiado pelo voto da congregação como seu guia espiritual e intérprete da palavra e vontade do Senhor, divinamente indicado.

Ele aceitou o elevado cargo com profunda humildade. Mas, não obstante sua humildade e modéstia, ele é uma fortaleza, um homem de grande iniciativa e previsão, um realizador em todos os sentidos.

Durante mais de trinta anos de seu ministério apostólico, tornou-se conhecido na Igreja inteira por sua quase incrível energia, seu ilimitado entusiasmo pelo trabalho, sua abnegação, sua determinação sem reservas de dar-se por inteiro como contribuição à edificação do reino de Deus.

Sua dedicação não tem limites. É um servo plenamente consagrado do Senhor Jesus Cristo. Sua saúde foi



Votando pelos membros do Conselho dos Doze, durante a Assembléia Solene.



Votando pelos membros do Primeiro Conselho de Setenta durante a Assembléia Geral.

restaurada milagrosamente para lhe permitir cumprir seu grande ministério. Sua cura é uma das evidências tangíveis da divindade de seu chamado. Foi um ato de Deus.

No exercício do vigor incomum com que foi dotado pelo Senhor ele nunca esquece de onde o recebe e busca constantemente conhecer e fazer a vontade do Mestre.

Apesar de toda essa sua energia e entusiasmo ele é totalmente semelhante a Cristo na bondade e compaixão, na mansidão, na profunda compreensão de outras pessoas e seus problemas, e no desejo de ajudá-las.

Ele, em pessoa, tomou literalmente milhares de transviados pela mão e trouxe-os de volta ao caminho da

salvação, mostrando-lhes uma nova luz, dando-lhes nova esperança, possibilitando seu retorno ao caminho do Senhor.

Quando vê a necessidade de correção, ele a tem aplicado, mas sempre com amor e bondade, com mão branda e compassiva, mas firme na justiça.

Quando se defronta com tarefas difíceis — e a presente é uma de suas maiores — ele jamais se esquivava do dever, atacando-a com fé e oração, e com todo o vigor de sua nobre personalidade. Por isso, a tarefa é sempre cumprida, e muito bem cumprida.

Sempre cômico de suas próprias limitações pessoais, ele não obstan-

te reconhece ser este o trabalho do Senhor e que ele usa pessoas humildes para realizar seus propósitos.

O Presidente Kimball crê firmemente nas palavras de Néfi quando disse: "... sei que o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas." (1. Néfi 3:7) Isto é básico para sua fé. É o segredo do seu sucesso.

O programa do Senhor prosseguirá agora como sempre, pois o Todo-Poderoso operará através do Presidente Spencer W. Kimball, dirigindo-o diariamente. A obra nunca fracassará nem terá que ser restaurada novamente.

Hoje, ao apoiar nosso novo presidente por voto unânime, os membros da Igreja assumiram não só o grande compromisso de segui-lo, mas também preservaram um princípio vital do Evangelho restaurado do Senhor Jesus Cristo.

Seu voto foi um convênio, celebrado com mãos erguidas diante de Deus e de testemunhas que chegavam a centenas de milhares, no Tabernáculo, pelo rádio e televisão.

Quando apoiamos nosso presidente, concordamos em seguir sua direção. Ele é o atual porta-voz do Senhor, e isto tem grande e importante significado. Ao ser abordado o assunto nos dias do Profeta Joseph Smith, o Senhor, referindo-se aos seus líderes, disse:

"... que falem como forem inspirados pelo Espírito Santo.

"E tudo que falarem, quando sob a inspiração do Espírito Santo, será Escritura, será a vontade do Senhor, será a mente do Senhor, será a palavra do Senhor, será a voz do Senhor e o poder de Deus para a salvação". (D&C 68:3-4)



Votando pela Primeira Presidência durante a Assembléia Solene.

Pelo voto de apoio ao novo presidente, nós, como membros da Igreja, colocamo-nos sob o solene convênio de atentar diligentemente para as palavras de vida eterna conforme ele no-las dá.

A palavra do Senhor em nossos dias diz:

"... vivereis de toda a palavra que sai da boca de Deus." (D&C 84:44)

E como receberemos essa palavra? Através do seu profeta!

Este tem sido o procedimento divino desde o princípio. Através de Amós veio a revelação que diz:

"Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas." (Amós 3:7)

Este foi o procedimento do Senhor através do Velho Testamento e continuou sendo o mesmo, no Novo Testamento e nos tempos atuais.

Quando a Igreja foi organizada há cento e quarenta e quatro anos atrás, o Senhor deixou isto claro restabelecendo o princípio de que o líder da Igreja na terra deverá ser também seu porta-voz, e não qualquer indivíduo que se nomeia a si mesmo, em busca de seus próprios interesses.

No dia 6 de abril de 1830, falando do recém-indicado presidente da Igreja, o Senhor declarou que ele deveria ser também seu porta-voz.

A seguir, o Senhor o designou como profeta, vidente e revelador, e então ordenou à congregação o seguinte:

"Portanto, no que concerne à Igreja, deveis atender a todas as suas palavras e aos mandamentos que ele vos dará conforme os receber, andando em toda santidade diante de Mim;

"Pois suas palavras recebereis como de Minha própria boca, em toda paciência é fé." (D&C 21:4-5)

Depois segue-se esta grande promessa, se formos obedientes:

"Pois assim fazendo, as portas do inferno não prevalecerão contra vós; sim, e o Senhor Deus dispersará diante de vós os poderes da escuridão, e fará sacudir os céus para o vosso bem e para a glória do Seu nome." (D&C 21:6)

Que mais poderíamos pedir?

A votação de hoje nos mostra um grande princípio — mais uma lição — que devemos aprender. É que só pode haver na terra um cabeça da igreja de Cristo, de cada vez, e que ele deve ser escolhido e apoiado exatamente como o foi o Presidente Kimball hoje. Homem algum pode nomear-se a si próprio, mas deve ser chamado por Deus, como Aarão. (Vide Hebr. 5:4)

Tampouco o Senhor permite quaisquer ordenações secretas na sua obra. Tudo é feito publicamente e pelo voto do povo para ser válido.

Diz o Salvador: "... a ninguém será permitido sair a pregar o meu Evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido ordenado por alguém com autoridade, e que a igreja saiba que tem autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da igreja". (D&C 42:11. Grifo nosso)

E diz o Senhor ainda: "... todas as coisas serão feitas de comum acordo na igreja...", isto é, com conhecimento público e por voto público. (D&C 26:2)

E disse mais: "Nenhuma pessoa deverá ser ordenada a nenhum cargo nesta igreja onde houver um ramo dela organizado, segundo regulamento, sem o voto da igreja." (D&C 20:65)

E novamente: "E um mandamento vos dou, que preenchais esses ofícios e aproveis ou desaproveis os nomes que mencionei, na Minha conferência geral." (D&C 124:144)



Os Santos do lado de fora do Tabernáculo apoiam os Líderes durante a Assembléia Solene.

Isto exclui partidários de todos os tipos de culto, falsos mestres e falsos líderes de qualquer espécie, cientificando o povo do Senhor de que na Igreja existe tão somente uma única voz diretiva, e esta é a voz do profeta, vidente e revelador devidamente escolhido por revelação e aceito pelo voto do povo numa conferência geral da Igreja.

Para os nossos dias, esse homem é Spencer W. Kimball.

Referindo-se ao processo de votação pelo qual nosso presidente é apoiado e que foi seguido hoje, diz o Presidente John Taylor: "Esta é a ordem que o Senhor instituiu em Sião, conforme acontecia em outros tempos em Israel... Esta é de fato a voz de Deus e a voz do povo." (**The Gospel Kingdom**, Deseret Book Co., 1943, p. 143)

Discutindo o mesmo assunto, dizia o Presidente Brigham Young: "O Senhor] só tem uma voz para tornar conhecida a sua vontade ao seu povo. Quando o Senhor deseja fazer uma revelação a seu povo, quando deseja revelar-lhe novos pontos doutrinários ou aplicar-lhe um corretivo, ele o fará através do homem a quem designou para esse ofício e chamado. (**Discourses of Brigham Young**, Deseret Book Co., 1925 p. 212) **E esse homem é o presidente da Igreja!**

Brigham Young disse mais: "O Senhor Onipotente dirige esta Igreja, e nunca permitirá que sejais desencaminhados enquanto estiverdes cumprindo o vosso dever." (**Discourses of Brigham Young**, p. 212)

E foi o Presidente Heber J. Grant quem acrescentou: "Não necessitais temer que homem algum jamais fique à testa da Igreja de Jesus Cristo a não ser que nosso Pai Celestial o queira lá." (G. Homer Durham, comp. **Gospel Standards**, Improvement Era 1969, p. 68)

Bem, e qual é a autoridade do Presidente Kimball? Na qualidade de presidente da Igreja, ele possui todas as chaves e poderes conferidos pelos anjos ao Profeta Joseph Smith na restauração do Evangelho nesta última dispensação. Ele recebeu estes poderes pela imposição das mãos daqueles que possuem autoridade para tal. Repito, que ele recebeu todos estes poderes pela imposição das mãos daqueles que já os possuíam e tinha autoridade para conferi-los ao Presidente Kimball.

Todos os presidentes da Igreja possuíram essas chaves e poderes. Nenhum presidente da Igreja poderia ter atuado sem eles. A própria Igreja não poderia funcionar sem eles.

Tivesse o Profeta Joseph Smith levado essas chaves de autoridade com ele para o túmulo, poderíamos realizar nosso trabalho hoje? Este trabalho não pode ser feito sem as chaves. Era necessário que fossem perpetuadas pelos líderes da Igreja.

Tivesse Joseph Smith levado com ele as chaves da salvação dos mortos, poderíamos realizar os trabalhos do templo?

Poderíamos pregar o Evangelho a toda nação, tribo, língua e povo sem ter autoridade para fazê-lo?

Houvesse Joseph levado consigo para a eternidade as chaves da coligação de Israel, poderia a mesma ser reunida?

Teriam os pioneiros vindo para os cumes dos montes, (Isa 2:2) em cumprimento da profecia de Isaías, e aqui estabelecido a sede da Igreja a não ser que tivessem o divino direito de assim fazer?

E ainda haverá uma coligação mundial do povo do Senhor antes que o Salvador venha pela segunda vez.

Poderia isto concretizar-se sem as chaves da coligação entregues pelo Profeta Moisés, que as possuía, a Joseph Smith?

Seria possível organizar estacas da Igreja em pontos distantes do mundo sem o direito divino de organizá-las?

Vemos logo que os poderes concedidos pelos anjos ao Profeta Joseph Smith ficaram com a Igreja e continuam na Igreja. Estão sempre centralizados num único homem, o presidente da Igreja, o profeta, vidente e revelador.

Não poderia ser diferente. Este é o procedimento do Senhor. É a maneira dele dirigir e realizar seu trabalho.

Sem dúvida Amós falou a verdade quando disse: "... o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas." (Amós 3:7)

Nas palavras do Presidente Wilford Woodruff: "Quero exortar todos os élderes de Israel e santos de Deus a se erguerem na majestade e dignidade de seus chamados, dando prova plena de seu ministério e convênio. Apoiai, por vossas obras, as autoridades, chaves e Sacerdócio; os olhos de Deus, dos anjos e dos homens estão sobre vós, e quando o trabalho estiver terminado, receberéis vossa justa recompensa." (Matthias F. Cowley, comp. **Wilford Woodruff**, Salt Lake City: The Deseret News, 1909, p. 657)

Eu sei que meu Redentor vive. Ele me fez saber pessoalmente que aquilo que eu disse hoje é verdade. Deus, nosso Pai Celestial, vive. Esta Igreja é a sua igreja. Jesus, nosso Salvador, dirige o trabalho. E o Presidente Kimball é o seu profeta! Isto eu testifico solenemente por tudo que me é sagrado e pelo santo nome do Senhor Jesus Cristo. Amem.

Justiça e Misericórdia

**"Porque o Senhor repreende aquele
a quem ama"**

Élder James A. Cullimore

Assistente do Conselho dos Doze



Gostaria de chamar vossa atenção, meus irmãos, para os princípios da misericórdia e justiça. Hoje tirei meu tema dos Provérbios de Salomão: "Filho meu, não rejeites a correção do Senhor, nem te enojas da sua repreensão.

"Porque o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai ao filho a quem quer bem." (Prov. 3:11-12)

Nos primórdios da Igreja, o Senhor

achou necessário chamar a atenção de alguns dos irmãos para sua negligência em fazer tudo o que deviam. Ao Profeta Joseph ele disse: "... vos mandei que criásseis os vossos filhos em luz e verdade.

"Mas em verdade te digo meu servo Frederick G. Williams... Não tens ensinado luz e verdade aos teus filhos, de acordo com os mandamentos; e aquele ser perverso ainda tem poder sobre ti...

"Na verdade, digo ao meu servo Sidney Rigdon, que em algumas coisas ele não tem guardado os mandamentos concernentes aos seus filhos; portanto, que primeiro ponha em ordem a sua casa...

"O meu servo Newel K. Whitney também ... precisa ser castigado, e pôr em ordem a sua família, e ver que sejam mais diligentes e atentos em casa, e orem sempre, ou serão removidos do seu lugar." (D&C 93:40-42,44,50)

Quando o Profeta Joseph Smith relutantemente permitiu que Martin Harris levasse parte do manuscrito do Livro de Mórmon, e ela foi perdida, o Senhor reprovou o Profeta por sua desobediência, dizendo: "As obras, os desígnios e os propósitos de Deus não podem ser frustrados, nem podem fracassar.

"Pois Deus não anda por sendas tortuosas, nem se volta à direita ou esquerda, nem se desvia daquilo que falou, portanto suas veredas são retas, e o seu caminho, um círculo eterno.

"Lembra-te, lembra-te de que não é a obra de Deus que se frustra, mas a dos homens;

"Pois embora um homem receba muitas revelações e tenha poder para realizar muitos milagres, contudo, se ele se vangloria da sua própria força, e menospreza os conselhos de Deus e segue os ditames de sua própria vontade e desejos carnaís cairá e suscitará sobre si a vingança de um Deus justo...

"Pois eis que tu não devias ter temido mais aos homens do que a Deus. Embora os homens menosprezem os conselhos de Deus e desdenhem Suas palavras:

"Ainda assim tu deverias ter sido fiel e Ele teria estendido o Seu braço e te dado apoio contra os dardos inflamados do adversário, e teria permanecido contigo em todo momento de dificuldade...

"Mas lembra-te de que Deus é misericordioso; portanto, arrepende-te do que fizeste em contrário ao mandamento que te dei, e és ainda escolhido; és chamado à obra outra vez." (D&C 3:1-4,7-8,10)

Um dos conceitos básicos do perdão é o de que é preciso a pessoa estar sinceramente arrependida, tendo satisfeito a justiça antes de poder ser perdoada. Diz o Profeta Joseph:

"Não deve haver contemplação com o pecado, mas a misericórdia deve andar de mãos dadas com a reprovção." (**Documentary History of the Church** vol. 5, p. 24)

O Presidente Kimball disse: "Há muitas pessoas que parecem confiar unicamente na misericórdia do Senhor ao invés de preocupar-se com seu próprio arrependimento... O Senhor talvez tempere a justiça com a misericórdia, mas ele nunca a suplantará." A misericórdia nunca poderá substituir a justiça. Deus é **misericordioso**, mas também é **justo**." (Spencer W. Kimball, **O Milagre do Perdão**, p. 338)

Um dos aspectos eternos da justiça, decretado por lei divina, é o de que "Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará." (Gál. 6:7)

O Evangelho de Jesus Cristo fundamenta-se na lei para a salvação e bênção de seu povo. Pois para cada lei que o Senhor nos dá, existe também uma penalidade em caso de violação. O Profeta Alma deixou isto bem claro ao dizer: "Mas como poderia um homem arrepender-se sem haver pecado? Como poderia ele pecar se não houvesse lei? E como poderia haver lei sem que houvesse punição?" (Alma 42:17)

Disse o Presidente Stephen L. Richards: "O próprio Salvador declarou que veio para cumprir a lei, não para revogá-la; mas com a lei, ele trouxe o princípio da misericórdia para moderar sua aplicação, e dar esperança e incentivo aos transgressores para que obtenham perdão pelo arrependimento." (**CR** Abril de 1954, p. 11)

As leis de Deus, conforme são dadas para o governo da Igreja, têm que ser apoiadas e endossadas para ganhar a salvação e o respeito dos

que estão dentro e fora da Igreja. Os bispos da Igreja são designados juizes comuns e, juntamente com seus conselheiros, estão autorizados a tratar dos casos de transgressão grave dentro da sua jurisdição. Outros casos são levados ao tribunal do sumo conselho sob a direção do presidente da estaca. Espera-se destes juizes que tratem de todos os casos de infração contra as leis da Igreja, com misericórdia e justiça.

Estou certo de que o problema mais difícil de ser determinado pelos líderes do Sacerdócio e entendido pelo transgressor é: Quando o arrependimento se torna efetivo? Quando se satisfazem os reclamos da justiça? Quando chega a vez do princípio da misericórdia? Suponho não existir resposta mais clara que aquela dada por Alma:

"Pois eis que a justiça executa todos os seus direitos e a misericórdia, também, reclama tudo quanto lhe pertence; assim sendo, apenas os verdadeiros penitentes serão salvos.

"Acaso supões que a misericórdia possa roubar a justiça? Eu te afirmo que não; de forma alguma. Pois, se tal acontecesse, Deus deixaria de ser Deus." (Alma 42:24-25)

Quão clara é, pois, a lógica da necessidade de se tomarem medidas apropriadas em caso de transgressão grave. É preciso purificar a Igreja e ajudar o indivíduo a conseguir arrependimento total.

Falando aos irmãos em 1972, dizia o Presidente Lee: "Bem, isto não significa que, quando somos obrigados a tomar certas medidas, volte-mos as costas àquele que pecou... Não. Devemos procurar não fazê-lo. Mas temos que ser como pais — às vezes somos obrigados a disciplinar... temos que puni-los, e depois amá-los. É a doutrina do Senhor,

e devemos executá-la com bondade. Parece-me que, chega um momento na vida dos transgressores sérios em que, sem ação disciplinar, eles não conseguem arrepender-se até que sejam entregues às bofetadas de Satanás pela perda do Espírito do Senhor." (Reunião da Junta do Sacerdócio, 1.º de março de 1972, p. 12)

Diz o Presidente Stephen L. Richards: "Que bem pode advir para a Igreja, que real benefício para os membros transgressores, de se ignorar esta obrigação e, como costumamos dizer, fazer "vista grossa" e encobrir as faltas dos mesmos? Podem assim os juizes, ajudar a trazer essas pessoas do caminho do arrependimento e perdão?" (**CR** Abril de 1954, p. 11)

Muitos dos que transgridem as leis do Senhor sentem-se injustiçados quando são chamados diante dos devidos tribunais da Igreja e quando são tomadas as medidas necessárias quanto às suas transgressões.

Muitos líderes do Sacerdócio, cuja responsabilidade é vigiar a Igreja e agir, em casos de transgressão grave, são omissos em convocar o tribunal e tomar as necessárias medidas para que a pessoa fique em posição de poder ser perdoada. Aquilo que pretende ser um ato de bondade, o deixar de agir com energia, pode ser na verdade a pior coisa que se poderia fazer.

Dizia o Presidente Lee: "Nunca devemos permitir que a suposta misericórdia para com o pecador impenitente roube a justiça na qual se baseia o legítimo arrependimento de práticas pecaminosas." (**Strengthening the Home**, 1973, p. 5)

Como então, tornar o perdão operante? Quando o arrependimento é reconhecido?

Um pesar sincero, piedoso que, dizem as Escrituras, "opera arrependi-

mento para a salvação..." é o primeiro passo para o arrependimento. (II Cor. 7:10) Confissão dos pecados, logicamente segue o pesar convicto, induzida pelo sincero desejo de livrar-se do sofrimento provocado pelo reconhecimento positivo do erro. A pessoa deve confessar-se para demonstrar sua humildade e sua determinação de reparar o mal feito.

A quem deve ser feita a confissão? Citando o Presidente Richards: "Ao Senhor, naturalmente, cuja lei foi violada. A pessoa ou pessoas ofendidas, como ponto essencial para a devida reparação, se necessário. E depois, sem dúvida, ao repre-

te por demonstrar seu arrependimento. Porém, foi dito: "deve-se dar tempo suficiente para permitir um período de prova àquele que procura perdão. Esse período de prova serve a um duplo propósito. Primeiro... permitir ao ofensor verificar por si mesmo se é capaz de dominar-se a ponto de poder confiar em si, em face de repetidas tentações; e segundo, permitir aos juízes avaliar melhor a sinceridade do arrependimento da pessoa e verificar se ela merece novamente confiança." (CR Abril de 1954, p. 12)

Sim, "o Senhor repreende aquele a quem ama, assim como o pai ao

filho, o papel de Deus no princípio da misericórdia e justiça:

"Mas há uma lei e uma pena estipuladas, e um arrependimento concedido, o qual é reclamado pela misericórdia; do contrário, a justiça reclama a criatura e executa a lei, e a lei impõe a pena; e, se tal não se desse, o trabalho da justiça seria destruído e Deus deixaria de ser Deus.

"Mas Deus não deixa de ser Deus e a misericórdia reclama o penitente; e a misericórdia vem em virtude da expiação, a qual traz a ressurreição dos mortos, e a ressurreição dos mortos devolve os homens à presença de Deus; e assim são restaurados à sua presença, para serem julgados de acordo com seus feitos, segundo a lei e a justiça.

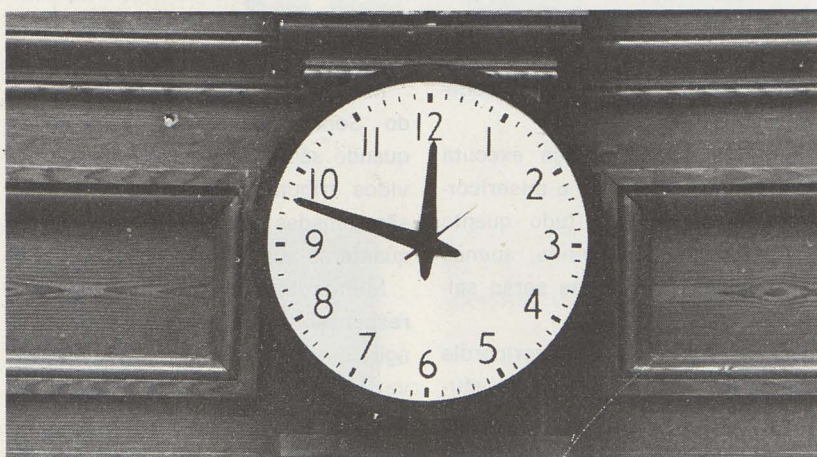
"Pois eis que a justiça executa todos os seus direitos e a misericórdia, também, reclama tudo quanto lhe pertence; assim sendo, apenas os verdadeiros penitentes serão salvos.

"Acaso supões que a misericórdia possa roubar a justiça? Eu te afirmo que não; de forma alguma. Pois, se tal acontecesse, Deus deixaria de ser Deus." (Alma 42:22-25)

Repetindo as palavras de Amuleque, diz o Profeta Alma: "... Se vos arrependerdes e não endurecerdes vossos corações, então terei misericórdia de vós, por intermédio de meu Filho Unigênito.

"Portanto, todo aquele que se arrepender, e não endurecer seu coração, terá direito à misericórdia, por intermédio de meu Filho Unigênito, para a remissão de seus pecados; e estes entrarão no meu descanso." (Alma 12:33-34)

Possamos assim gozar as bênçãos do Evangelho. Deixo-vos meu testemunho da divindade desta grande obra, em nome de Jesus Cristo. Amém.



Relógio do Tabernáculo.

sentante do Senhor, seu juiz designado em Israel, sob cuja jurisdição eclesiástica o ofensor vive e é membro no Reino." (CR, Abril de 1954, pp. 11-12)

A confissão é uma prova — uma demonstração — do arrependimento. Diz o Senhor: "Por este meio podeis saber se um homem se arrepenhe de seus pecados — eis que ele os confessará e os abandonará." (D&C 58:43)

Como pode o juiz saber quando o arrependimento é suficiente e eficaz? A pessoa poderá tornar-se impacien-

filho a quem quer bem." (Prov. 3:12)

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16)

Não fosse a expiação de Jesus Cristo, pela qual assumiu nossos pecados, desde que nos arrependêssemos, o homem jamais teria perdão. Ainda que nos tenha sido oferecida misericórdia, a justiça tem que ser satisfeita, pois ele não nos pode salvar em nossos pecados.

Alma explicou a Coriânton, seu

Discurso proferido na sessão vespertina de sexta-feira, 5 de abril de 1974.

O Casamento Que Perdura

**Deus promete amor eterno
e vínculo familiar eterno aos justos,
por meio do casamento para a eternidade.**

Élder Gordon B. Hinckley

Do Conselho dos Doze



Queridos irmãos, estou grato pela prece oferecida pelo Irmão Kan Watanabe, meu amigo e companheiro com quem tenho viajado milhares de quilômetros por todo o Japão no ministério do Senhor. E a música deste coro de estudantes portadores do Sacerdócio da Universidade Brigham Young trouxe-me inspiração.

Existe algo de comovente e belo em suas vozes. Se o Santo Espírito me ajudar, gostaria de lhes dirigir minhas palavras, embora estejam sentados atrás de mim. E assim fazendo, falo também para a juventude da Igreja inteira.

É primavera nesta parte do mundo, a estação em que "as afeições dos jovens se voltam para os sonhos de amor". (Alfred Lord Tennyson, Locksley Hall). É em abril que moças e rapazes sonham com o casamento em junho.

Como introdução gostaria de contar duas experiências.

A primeira aconteceu há não muito tempo, quando estive no novo Templo de Washington D.C. Na ocasião estavam presentes alguns jornalistas. Eles se mostravam curiosos a respeito daquele belo edifício, di-

ferente de outras edificações religiosas — diferente na concepção, diferente quanto ao propósito, diferente quanto à admissão em seus recintos sagrados.

Expliquei que depois de o edifício ter sido dedicado como casa do Senhor, somente membros dignos da Igreja terão autorização para nele penetrar, mas que antes da dedicação visitantes poderão percorrer o prédio inteiro por um período de quatro a seis semanas; que não pretendemos escondê-lo do mundo, mas que após a dedicação, nós o consideraremos tão sagrado que somente uma vida pura e estrita obediência aos padrões da Igreja podem qualificar a pessoa para ser ali admitida.

Falamos dos propósitos para os quais são construídos os templos. Expliquei esses propósitos, dando ênfase especial àquele que interessa a todos os homens e mulheres previdentes, isto é, o casamento para a eternidade. Ao fazê-lo, pensei numa experiência por ocasião do período de visitação pública anterior à dedicação do Templo de Londres em 1958.

Naquela ocasião, milhares de pessoas curiosas mas ansiosas também formavam longas filas para poder entrar no edifício. Um guarda destacado para dirigir o tráfego observou que era a primeira vez que via ingleses ansiosos por entrar numa igreja.

Solicitava-se aos visitantes que deixassem quaisquer perguntas para depois do término da visita. À noite, eu me juntei aos missionários que conversavam com aqueles que tinham perguntas. Quando um jovem casal descia a escadaria do templo, perguntei-lhes se poderia ser útil. A moça respondeu: "Pode sim. O que significa esse "casamento para a eterni-

O Casamento Que Perdura.

dade" ao qual se referiu o guia em uma das salas? — Sentamos-nos num banco debaixo do velho carvalho, perto do portão. A aliança em sua mão mostrou-me que eram casados, e a maneira como segurava a mão do marido evidenciava a mútua afeição.

— "Vamos à sua pergunta". "Suponho que foram casados pelo padre ou ministro."

— "Sim — respondeu ela. — "Faz três meses."

— "Percebeu que o ministro, ao celebrar seu casamento, decretou também sua separação?"

— "O que quer dizer com isso?" — retrucou ela imediatamente.

— "Acredita que a vida é eterna, não?"

— "Naturalmente." — E eu continuei:

— "Consegue conceber a vida eterna sem amor eterno? Podem, vocês dois, imaginar felicidade eterna sem a companhia um do outro?"

— "Naturalmente que não," — veio prontamente a resposta.

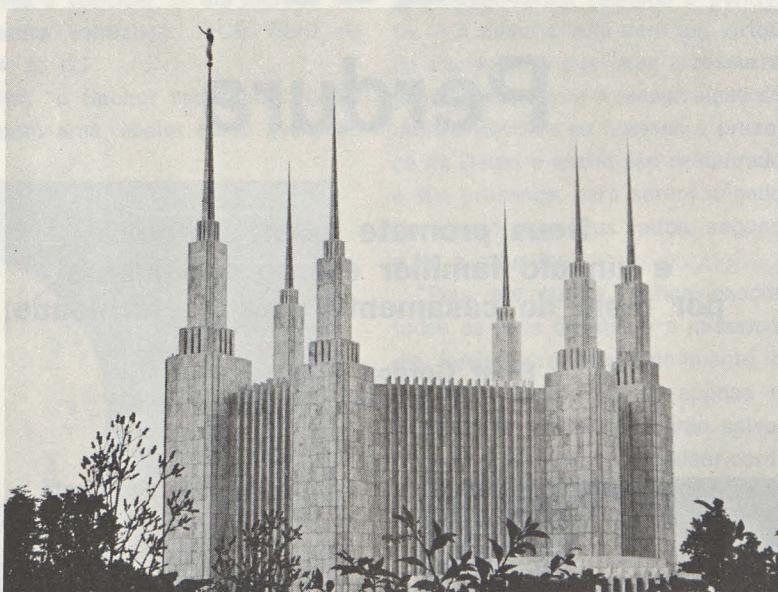
— "Mas o que foi que o ministro disse ao celebrar seu casamento? Se bem me lembro das palavras, ele disse, entre outras coisas: "na doença e na saúde, na riqueza e na pobreza, para o melhor ou o pior, até que a morte os separe." Ele foi tão longe quanto sentiu lhe permitia sua autoridade, isto é, até que a morte os separe. Na verdade, penso que se o indagassem a respeito, ele negaria terminantemente a existência do casamento e da família além da sepultura."

— "Porém," prossegui eu, — "o Pai de todos nós, que ama seus filhos e deseja o melhor para eles, providenciou que houvesse uma continuação, sob devidas circunstâncias, deste mais sagrado e nobre relacionamento humano, o vínculo conjugal e familiar.

— Na sublime e comovente conversa entre Jesus e seus apóstolos, quando Pedro declarou: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo", e o Senhor respondeu: "Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não to revelou a carne e o sangue, mas meu Pai que está nos céus." O Senhor então continuou dizendo a Pedro e seus companheiros: "E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus,

lenizar seu casamento. Eles serão unidos num vínculo que a morte não pode dissolver nem o tempo destruir.

Tal foi meu testemunho àquele jovem casal na Inglaterra. Tal é a vós hoje, meus queridos jovens amigos, e tal é para o mundo inteiro. Nosso Pai Celeste que ama seus filhos, deseja para eles aquilo que lhes trará felicidade agora e nas eternidades vindouras; e não existe felicidade maior que a encontrada no mais sig-



e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus." (Mat. 16:13-19)

— Nesta maravilhosa concessão de autoridade, o Senhor entregou aos apóstolos as chaves do santo Sacerdócio, cujo poder alcança além da vida e da morte. Esta mesma autoridade foi restaurada na terra pelos mesmos apóstolos que a possuíam na antigüidade, a saber Pedro, Tiago e João.

Prossegui dizendo que após a dedicação do templo, no domingo seguinte, aquelas mesmas chaves do santo Sacerdócio seriam exercidas em favor de homens e mulheres que procuram o sagrado edifício para so-

nificativo dos relacionamentos humanos — a união de marido e mulher, e de pais e filhos.

Poucos dias atrás fui chamado ao hospital, ao quarto de uma mãe nos estágios finais de grave moléstia. Ela faleceu pouco tempo depois, deixando marido e quatro filhos, entre eles um garotinho de seis anos. Foi uma dor profunda, trágica e pungente. Mas, brilhando entre as lágrimas estava a fé maravilhosa e segura de que, tão certo quanto a pungente separação de agora, algum dia haveria um alegre reencontro, pois aquele casamento havia começado com um selamento para o tempo e a eterni-



dade na casa do Senhor, sob a autoridade do santo Sacerdócio.

Todo homem que realmente ama uma mulher, e toda mulher que ama realmente um homem, esperam e sonham com uma união que dure para sempre. O casamento, porém, é um convênio selado pela autoridade. Se essa autoridade for apenas do estado, valerá somente enquanto durar aquela jurisdição e sabemos que ela termina com a morte. Mas somai à autoridade do estado o dom conferido por aquele que sobrepujou a morte — então aquela união perdurará além da morte, se o casal for digno da promessa.

Quando eu era bem mais moço e mais forte, costumávamos dançar ao compasso de uma canção que dizia mais ou menos assim:

Será o amor como a rosa
Que desabrocha e floresce,
Depois se murcha e fenece
Quando se vai o verão?

Era apenas uma música para dançar, porém a mesma pergunta vem sendo feita através dos séculos por homens e mulheres que se amavam e olhavam para além do presente, para os futuros dias da eternidade.

Para essa pergunta nossa resposta é não; e reafirmamos que o amor e o casamento, segundo o plano revelado do Senhor, não são como a rosa que fenece, com o findar do verão. Pelo contrário, eles são eternos, tão certo quanto o Deus dos céus é eterno.

Mas essa dádiva, mais preciosa que todas as outras, só pode ser obtida por certo preço — com autodisciplina, virtude, e obediência aos mandamentos de Deus. Pode não ser fácil, mas é possível quando somos motivados pela compreensão da verdade.

O Casamento Que Perdura.

Brigham Young disse certa vez: "Não existe um só moço em nossa comunidade que não estaria disposto a viajar daqui para a Inglaterra a fim de casar-se direito, se entendesse as coisas como são; não há uma moça em nossa comunidade, que ama o Evangelho e deseja suas bênçãos, que se casaria de outra maneira qualquer." (*Discourses of Brigham Young*, p. 195)

Muitos viajaram assim para longe, ou mais longe ainda, a fim de receberem as bênçãos do casamento no templo. Vi um grupo de santos do Japão que se privaram de comer para fazer a longa viagem até o Templo do Havaí. Em Londres encontramos gente que passou necessidades para poder permitir-se o voo de onze mil quilômetros, da África do Sul até o templo em Surrey, Inglaterra. Havia uma luz em seus olhos, sorriso em suas faces e testemunhos em seus lábios, que valiam infinitamente mais do que tudo que custou.

E lembro-me do testemunho de um homem, ouvido na Nova Zelândia que, sendo já casado pelas autoridades civis, ao entrar para a Igreja, atravessou com mulher e filhos todo o imenso continente australiano, depois cruzou o Mar de Tasman para chegar a Auckland, na Nova Zelândia, e dali foi até o templo situado no lindo vale de Waikata. Pelo que me lembro, suas palavras foram: "Não tínhamos meios para vir. Nossos bens terrenos consistiam num carro velho, os móveis e a louça. E eu disse à minha família: "Não nos podemos dar ao luxo de ir". Depois, olhando para minha encantadora mulher e nossos lindos filhos, eu disse: "Não nos podemos dar ao luxo de não ir. Se o Senhor me der forças poderei trabalhar e ganhar o suficiente para com-

prar outro carro, móveis e louças, mas se eu perder estes meus queridos, eu seria realmente pobre, nesta vida e na eternidade."

Como muitos de nós somos míopes, sempre prontos a olhar somente para o dia de hoje, sem pensar no amanhã! Mas o amanhã virá certamente, assim como a morte e a separação. Quão doce é a certeza, quão confortante a paz, nascida do conhecimento de que se nos casarmos direito, e vivermos direito nosso relacionamento se perpetuará, não obstante a infalibilidade da morte e a passagem do tempo. O homem pode compor e cantar trovas de amor. Pode almejar e sonhar e esperar. Mas tudo isto será apenas um anseio romântico se não houver o selo de autoridade que transcende os poderes do tempo e da morte.

Falando deste mesmo púlpito, há muitos anos atrás, dizia o Presidente Joseph F. Smith: "A casa do Senhor é uma casa de ordem e não de confusão; o que significa... não existe uma união para o tempo ou para a eternidade que possa tornar-se perfeita fora da lei de Deus e da ordem da sua casa. Os homens podem desejar e realizar o casamento do modo como é feito nesta vida, mas não terá valor algum, a não ser que seja efetuado e aprovado pela autoridade divina, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo". (*A Doutrina do Evangelho*, Curso do Sacerdócio de Melquisedeque, vol. II, p. 1)

Para concluir, gostaria de contar-vos uma história. É ficção, porém o princípio é real. Procurem imaginar um jovem par sob a lua cheia e entre rosas florescendo, enquanto o amor, um sagrado amor florescia entre eles? E João diz a Maria:

— Maria, eu te amo. Quero que sejas minha mulher e a mãe de meus

filhos. Mas não te quero, nem a eles, para sempre. Apenas por algum tempo e depois, adeus.

E ela, olhando para ele entre lágrimas brilhando à luz da lua, responde:

— Como és maravilhoso, João! Não existe ninguém mais no mundo como tu. Eu te amo e quero casar contigo; quero-te para pai de meus filhos, mas só por algum tempo, depois, acabou-se.

Parece ridículo, extravagante, não? Porém, não é de fato o que um rapaz diz à moça e a moça ao rapaz quando se propõem casamento e, tendo a oportunidade de se unirem para a eternidade sob "o novo e eterno convênio", decidem-se por um substituto que dura somente até a morte?

A vida é eterna. O Deus dos céus tornou possível também o amor eterno e vínculos familiares eternos.

Deus vos abençoe, meus caros e jovens amigos, para que, ao pensar em casamento, não procureis apenas um excelente companheiro e um rico, frutífero relacionamento familiar para todos os dias de vida mortal, mas um estado ainda superior em que o amor e as preciosas ligações podem ser sentidas e manifestadas sob uma promessa divina.

Presto meu testemunho da realidade de que o Senhor Jesus Cristo vive e dele proveio essa autoridade. Presto testemunho de que o seu poder, seu Sacerdócio está entre nós e é exercido em suas casas sagradas. Não desprezeis o que ele oferece. Vivei de forma a merecê-lo e participai dele; deixai que o poder santificador do seu santo Sacerdócio sele vossa união. Por estas bênçãos eu oro humildemente em vosso favor, ao prestar meu testemunho quanto a essas verdades, em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na sessão vespertina de domingo, 7 de abril de 1974.

Resposta A Um Chamado

Élder Neal A. Maxwell

Assistente do Conselho dos Doze



Irmãos, meu tempo aqui não é para sermões mas para dar graças, não para doutrinar mas para testemunhar.

Graças pelo chamado do Senhor através do Presidente Kimball.

Graças pelo voto de apoio que não foi uma justificação ou vindicação, mas uma motivação — uma motivação para eu ser e agir melhor.

Graças pelos humildes pais que me ensinaram e me mostraram que o Evangelho e a Igreja são verdadeiros.

Graças por uma esplêndida mulher, Colleen, uma esposa para horas boas e más, que fez de nosso lar um refúgio.

Graças pelo filho missionário na Alemanha, e pelas três filhas e um genro. Como pai deles, desejo ardentemente ter sucesso. Seu voto de apoio para comigo deve ser contado em dobro nos dias vindouros.

Graças ao Presidente Kimball pelo seu exemplo, não só como valente profeta, mas como praticante da "religião pura, imaculada", juntamente com a Irmã Kimball. (Tiago 1:27) A grandeza do presidente é do tipo desprezível, humilde, modesto. Ele, sinceramente deseja, não nossa adulação mas nossa afirmação, pelo nosso modo de viver.

Graças pela solícita tutela do Presidente Harold B. Lee.

Graças pelos presidentes Tanner, Romney, Benson e os Doze, os quais espero poder ajudar, e cujas vidas refletem o divino propósito que os preparou para seu lugar designado, porque Deus nunca é surpreendido.

Graças a todas as Autoridades Ge-

rais que viajam incessantemente para nos ensinar, deixando suas famílias sem se queixar. Esta realidade foi esplendidamente resumida pelo senso de humor, temperado com sabedoria, de Richard L. Evans, que, certo dia a caminho de mais um avião e mais um fim de semana de conferências, perguntou suavemente: "Já lhe aconteceu sentir saudades de casa a caminho do aeroporto?"

Graças pelos membros da Igreja que me ajudaram nas regiões de Tremonton (Utah), Ogden (Utah) e Reno (Nevada), e pelos meus gentis colegas, os representantes regionais dos Doze, particularmente aqueles que o Senhor levantou em outras nações do mundo.

Graças pelos dedicados colegas e alunos do Sistema Educacional da Igreja em cinquenta países e que chegam a um terço de milhão.

Graças infinitas a Jesus Cristo por sua expiação, pois dou-me conta de que sob a vasta responsabilidade dessa expiação estão incluídos os meus pecados, e pelo testemunho que me deu, o qual tenho prestado prazerosamente em cerca de trinta e cinco países. Quando se vê a vida e as pessoas através das lentes do Seu Evangelho, então nossa visão não tem limites.

Graças infinitas ao meu Pai dos céus cujas bênçãos dependem da nossa obediência, mas cuja proporcão de bênçãos e obediência o tornam um Deus generoso!

Sei que os padrões celestiais avaliam serviço, não posição; o emprego de nossos talentos, não o número deles. Sei que nossa condição de membro da Igreja não nos qualifica para uma segurança passiva mas para trabalhar por contínuas oportunidades.

Finalmente testifico que estas palavras, escritas por um sábio são verdadeiras: "Se não escolheste colocar o reino de Deus em primeiro lugar, no fim não fará diferença alguma o que escolheste." Tendo escolhido assim, que Deus nos abençoe a todos, para levarmos o reino avante, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém.

